



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**HISTÓRIA DAS MULHERES CIGANAS CALON DE  
SOUSA-PB: ENTRE A TRADIÇÃO E A REALIDADE**

**ANASTACIA SENA SILVA**

**CAJAZEIRAS-PB  
2017**

**ANASTACIA SENA SILVA**

**HISTÓRIA DAS MULHERES CIGANAS CALON DE  
SOUSA-PB: ENTRE A TRADIÇÃO E A REALIDADE**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

**Orientadora**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Vieira de Sousa

**CAJAZEIRAS-PB**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

S586e Silva, Anastacia Sena.  
História das mulheres ciganas Calon Sousa-PB: entre tradição e realidade / Anastacia Sena Silva. - Cajazeiras, 2017.  
f. 76  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Cultura cigana. 2. Mulher cigana - memória. 3. Tradição cigana. 4. Ciganos na Paraíba. 5. História cigana - Sousa - Paraíba. 6. Comunidade Calon - Sousa - PB. I. Sousa, Silvana Vieira. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 39(=214.58)(091)

**ANASTACIA SENA SILVA**

**HISTÓRIA DAS MULHERES CIGANAS CALON DE  
SOUSA-PB: ENTRE A TRADIÇÃO E A REALIDADE**

APROVADA EM: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Vieira de Sousa – orientadora**  
Universidade Federal de Campina Grande

---

**Prof. Ms. Francinaldo de Souza Bandeira – membro interno**  
Universidade Federal de Campina Grande

---

**Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Ana Elizabete Moreira de Farias – membro externo**  
Professora efetiva do Município de Baixo-CE

**CAJAZEIRAS-PB**  
**2017**

*Dedico este trabalho à minha família, meu bem maior,  
pois foi quem me deu total apoio durante toda minha vida  
acadêmica, e tem sido meu porto seguro desde sempre.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, pois tem sido minha fonte de inesgotável esperança e quem me ajudou até aqui. Agradeço por ter me dado o dom da vida, sabedoria e paciência para continuar seguindo em frente sempre.

À minha família, aos meus pais principalmente, pelas lutas diárias para me verem feliz e realizada, minha fonte de segurança e apoio. Eu os amo.

Ao meu amor, namorado e amigo, Bruno Andrade, por todo amor, por todo carinho, compreensão e paciência nesses dias de correria e estresse. Obrigada!

A todos os meus amigos da universidade, da minha turma 2010.2, que para mim se tornaram família. Os levarei para sempre comigo. E obrigada pelo companheirismo e palavras de ânimo de sempre. Amo vocês!

À minha querida orientadora, a quem tenho uma profunda admiração pelo ser que és, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Vieira de Sousa. A caminhada é árdua, longa e difícil, mas conseguimos!

Às mulheres ciganas, que com toda simplicidade e carinho do mundo me abriram as suas portas, contribuindo de forma grandiosa para o meu trabalho. Obrigada pelas suas contribuições para esta elaboração de sua história.

Por fim, agradeço a todos que estiveram comigo nessa árdua batalha e que de forma direta e indiretamente me ajudaram a vencer.

Obrigada!

*Imagine um mundo em que as pessoas não tenham endereço fixo, documentos, conta em banco, carteira assinada, nem história. E que a vida deles passe despercebida, como se não existisse. Que a única certeza é que nunca faltará preconceito e ignorância, medo e fascínio, injustiças e alegrias ao longo de sua interminável jornada. Bem-vindo ao mundo cigano.*

*Luciano Marsiglia*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a cultura cigana da comunidade Calon na cidade de Sousa-PB, na perspectiva das mulheres ciganas e seu olhar sobre as tradições e os costumes da cultura cigana, tendo em vista as várias mudanças sofridas no decorrer do tempo e espaço em que estão inseridos, desde a “parada para morar” na cidade de Sousa no ano de 1982, onde ali se estabeleceram e vivem até hoje. O elemento em destaque nesse trabalho são os “contos das mulheres”, isto é, através de entrevistas realizadas na comunidade cigana, em que as mulheres falam através de suas lembranças, sobre como vivem e viveram a cultura cigana de maneira singular após a parada para estabelecer morada fixa. Nessa pesquisa analisamos a vida das mulheres ciganas e os obstáculos que enfrentam no dia a dia, o preconceito e a exclusão que as perseguem desde o seu surgimento, bem como a vida dos ciganos e como vivem as tradições e os costumes em comunidade ou fora desta. Sendo assim, através dessa pesquisa e das entrevistas realizadas na comunidade com as mulheres ciganas, foi possível constatar que os ciganos são mais do que a sociedade imagina ou dos personagens que cria para retratar a cultura de um povo que sempre foi e continua sendo marginalizado. Os ciganos fazem parte da nossa história, estão aqui desde a colonização e desde lá sofrem com a marginalização e os mitos que se criam em relação a sua cultura nômade, costumes e tradições excêntricas e ao mesmo tempo alegres. Portanto, baseamos nosso estudo na historiografia das histórias ciganas de um modo geral, abrangendo todos os aspectos que os englobam, seja cultural pela historiografia de José de Assunção Barros e Peter Burke, da oralidade por Verena Alberti e das tradições por Denise Jodelet. Relacionando, assim, a cultura às suas memórias, uma vez que estas são fonte de afeto e de lembranças, bem como salientando a importância de pesquisas em suas variadas modalidades como fontes, e neste caso em especial, as tradições de um povo.

**Palavras-chave:** Cultura cigana. Mulher cigana. Memória.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the Gypsy culture of the Calon community in the city of Sousa, Paraíba, Brazil, from the perspective of Gypsy women and their look at the traditions and customs of Gypsy culture, considering the various changes suffered over time and space in which they are inserted, from the "stop to live" in the city of Sousa in the year 1982, where they settled there and live until today. The highlight of this work is the "women's tales", that is, through interviews conducted in the gypsy community, where women speak through their memories, about how they live the gypsy culture in a singular way after stopping to establishment. In this research, we analyze the life of gypsy women and the obstacles they face in daily life, the prejudice and exclusion that persecute them from their beginning, as well as the life of the gypsies and how they live the traditions and the customs in community or outside it. Thus, through this research and the community interviews with gypsy women, it was possible to verify that the gipsy are more than the society imagines or the characters it creates to portray the culture of a people that has always been and continues to be marginalized. The gypsies are part of our history, they have been here since the colonization and from there they suffer from marginalization and the myths that are created about them. Therefore, we base our study on the historiography of the gypsy stories, covering all the aspects that encompass them, be it cultural by the historiography of José D'Assunção Barros and Peter Burke, orality by Verena Alberti, and on traditions by Denise Jodelet. Thus relating culture to their memories, since these are source of affection, as well as stressing the importance of research in its various modalities as sources, and in this case in particular, the traditions of a people.

**Keywords:** Gipsy culture. Gipsy women. Memories.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – POVO CIGANO: POVO ITINERANTE, POVO DE ASSIMILAÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO II – A MULHER CIGANA NA HISTORIA E NA HISTORIOGRAFIA: SILÊNCIOS E DESAFIOS.....</b>	<b>31</b>
2.1 A VIDA DA MULHER CIGANA: TRADIÇÕES E COSTUMES.....	38
2.2 OS CALON DE SOUSA: PRECONCEITO E EXCLUSÃO.....	41
<b>CAPÍTULO III – HISTÓRIAS DE TENSÃO, TRADIÇÃO E PRECONCEITO NA VIDA E NO COTIDIANO DA MULHER CIGANA DA COMUNIDADE CALON SOUSA-PB.....</b>	<b>46</b>
3.1 FILHAS DO SOL: A VIDA DE UMA MULHER CIGANA.....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

**FIGURA 01:** mulheres ciganas da comunidade Calon de Sousa-PB.



**FONTE:** registro fotográfico de nossa autoria, com permissão das participantes da pesquisa.

Este trabalho situa-se em um campo de interesse relativamente novo para os historiadores. Muito se discute sobre a importância dos estudos históricos que envolvam o meio em que vivemos, seja social, político ou econômico, todavia, os estudos sobre a cultura como lugar de subjetividades, sentimentos, visões de mundo, representações, significações e ressignificações e de valores tem se tornado essencial para se decifrar a vida em sociedade.

Assim, é indiscutível que haja uma necessidade maior em se escrever histórias sobre povos e tradições esquecidos pela historiografia, especialmente daqueles cujas histórias são marcadas por tradições de oralidade. Para esses, a história oral, como procedimento metodológico que permite ouvir vozes silenciadas, se faz importante. Contar e ouvir tornam-se partes inseparáveis do processo de produção do conhecimento histórico. A escrita da história, como toda atividade de pensamento, opera por discontinuidades: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver para conhecer e explicar o que se passou (ALBERTI, 2004).

Essa é a realidade do povo escolhido para esse estudo, que se debruça sobre o mundo cigano a partir da mulher cigana, analisando sua cultura e a realidade em que vivem, suas tradições e suas necessidades como um povo que ainda sofre com preconceitos exaustivos e com exclusões no tempo longo da sua história, como também nos mais variados espaços em que vivem. É difícil admitir que em pleno século XXI existam exclusões sociais de um povo em função de seus costumes e valores, que são estereotipados por outros valores diferentes à sua cultura, como negativos. A história dos ciganos e das mulheres ciganas se assemelham à história dos índios, dos homossexuais etc., pelo que carregam de luta e tensão permanente para existirem como tal. Para tanto, apregoamos o uso da história oral e suas finalidades, pois através das entrevistas podemos conhecer melhor a vida e a cultura desse povo, já que:

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz o homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso da vida as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiosincrasias, relatos pitorescos. Que interessante reconhecer que, em meio a conjunturas, em meio a estruturas, há pessoas que se movimentam, que opinam, que reagem, que vivem, enfim! (ALBERTI, 2004).

Partindo desse pressuposto, nossa pesquisa objetiva contar a história de como é a vida de uma mulher cigana Calon sob a perspectiva da história cultural, e olhar para seus costumes e valores dentro e fora da comunidade cigana.

Para tanto, no primeiro capítulo, intitulado “**Povo cigano: povo itinerante, povo de assimilação**”, apresentamos um panorama geral da história do povo cigano, com o objetivo de mostrar quem são os ciganos, como surgiram na história do Brasil, e conseqüentemente na cidade paraibana de Sousa, na qual com a “parada para morar” os Calon se estabeleceram e ali ficaram, constituindo o que hoje é considerado a maior concentração de ciganos em moradia fixa da Paraíba e do Brasil.

Tudo muda no decorrer do tempo e do espaço, as mudanças são constantes, lineares e não tem como impedi-las de acontecer, algumas mudanças trazem coisas boas e se fazem necessárias, outras, às vezes, somos forçados a aceitar. Mas essas também

são necessárias pois fazem parte do nosso crescimento como ser humano. É aceitando nossas diferenças e reconhecendo que somos falhos e precisamos estar sempre atentos, aprendendo cada vez mais com nossos erros e acertos. Dessa forma, o multiculturalismo depende não somente de como vemos por fora, temos que aprender a olhar de dentro, a enxergar verdadeiramente o que é uma cultura e para que serve, sendo assim, é através da mulher cigana que pretendemos enxergar de verdade como vivem, seus costumes e práticas, entender como é sua cultura.

No sentido normativo, sobre o qual grassa o debate, o multiculturalismo refere-se à política de estimular recém-chegados a conversar sobre suas identidades culturais em vez de se fundir ou se integrar a cultura em que se estabeleceram (BURKE, 1987).

O segundo capítulo desta pesquisa, **“A mulher cigana na história e na historiografia: silêncios e desafios”**, pretende situar a mulher cigana na história, como se destacam e como se fazem importante para construir sua própria identidade dentro de uma sociedade. Pretendemos estudar e compreender as mulheres ciganas a partir de um conjunto de experiências que expressam as formas com as quais enfrentam no dia a dia, na luta pela sobrevivência, como têm colocado e expressado seus hábitos de vivência com a sociedade e na comunidade cigana.

O terceiro capítulo, intitulado **“Histórias de tensão, tradição e preconceito na vida e no cotidiano da mulher cigana da comunidade Calon Sousa-PB**, define-se e tem como objetivo dar voz às mulheres ciganas Calon para contarem, elas mesmas, como significam as práticas e as tradições dentro da comunidade, do que se constitui uma “cultura de mulher cigana Calon” na história de ontem e de hoje. Como tema de historiadores, a história da cultura cigana ainda não foi suficientemente estudada, e principalmente, se tratando da mulher cigana. Os estudos sobre os ciganos em geral têm sido feitos mais por estudiosos das áreas antropológica e sociológica.

A pouca literatura sobre a história cigana e da mulher cigana em especial, aponta para a necessidade de uma maior produção de estudos sobre a cultura cigana pois que o desconhecimento alimenta a intolerância e o desrespeito à cultura e ao povo cigano, tal como se verifica no caso do trato com os indígenas e com os negros, as chamadas “classes das minorias” que tiveram suas histórias silenciadas. A história de rejeição e classificação dos ciganos como inferiores se faz presente desde o princípio da história do Brasil quando lhes juntavam aos chamados degredados de nossa história. Desde

então, os ciganos têm sofrido exclusões e preconceitos constantes.

Sabemos que é uma cultura marcada pela exclusão, intolerância, injustiças e preconceitos que os castigam há séculos. A discriminação contra os ciganos e principalmente contra a mulher cigana atravessou séculos e ainda se faz presente nos dias atuais. Preconceitos constantes sobre todos os aspectos da vida cigana, seja no modo de se vestir, vistos como vagabundos, ladrões, o seu modo de falar, agir e de sua religião, do lugar onde moram — os chamados ranchos, das práticas não aceitas pela sociedade, onde se destacam as mulheres, as pedintes, as que leem as mãos, práticas de, digamos, “feitiçarias”, sendo mal vista pela sociedade em que vivemos, aspectos estes muito fortes ligados à sua cultura pura e propriamente dita.

Como é notório nos meios sociais em que se encontram, desde sempre, as mulheres ciganas gostam de se enfeitar, de andar com muito ouro, roupas “exageradas” e muito coloridas. Tratam-se de aspectos que caracterizam modos de vida e referências culturais que se apresentam como importantes para o estudo dos historiadores e das representações da cultura de um povo, como pontua Peter Burke. Os aspectos culturais assumem cada vez mais relevância nos estudos históricos pelo que revela acerca do comportamento humano, dos valores e significados sobre a vida que carregam. Assim posto, a história precisa ser contada, relatada pela vivência e comportamento de um povo, de sua nação, das tradições em si. E é através das histórias dos ciganos em geral que pretendemos contar como se destacam as mulheres da nossa comunidade de estudo, que apesar dos avanços dos séculos ainda lutam para não deixar morrer os aspectos culturais que definem sua identidade, e que os tornam um povo envolvido e caracterizados, também, pelo fascínio e mistérios de suas tradições.

Deste modo, esse trabalho pretende focar, especificadamente, da cultura cigana, o papel das mulheres da comunidade Calon da cidade de Sousa, Paraíba, tendo como mote principal do trabalho estudar o modo de vida, compreender como vivem em sociedade, e analisar como são vistas dentro e fora da comunidade cigana. A sociedade cigana é profundamente patriarcal, sendo os chefes de família responsáveis pela organização da vida pública, enquanto que as mulheres são reservadas a vida doméstica. Como fio condutor da pesquisa procuraremos mostrar essas realidades das mulheres ciganas, o que enfrentam e vem enfrentando no dia a dia desde seu nascimento, seus maiores obstáculos e o que fazem para sobreviver, como é sua relação com a família,

seus medos, angústias, no que se refere aos seus direitos como mulher, desde quando criança a idade adulta, trabalho, educação, saúde, e, enfim, o que é e o que não é permitido para uma mulher cigana dentro de uma comunidade cigana.

Compreender a mulher cigana não somente como uma condição de vida, e sim entender que uma realidade cultural tem suas próprias especificidades. Portanto, buscamos reunir estudos e informações com o propósito de responder ao seguinte problema da pesquisa: quais são os maiores problemas enfrentados pelas mulheres ciganas dentro e fora de sua comunidade, entre resistências e lutas para manterem suas tradições?

## CAPÍTULO I

### POVO CIGANO: POVO ITINERANTE, POVO DE ASSIMILAÇÃO

Nem todos são pobres, nem todos morenos, nem todos analfabetos. Poucos são ricos, raros dançam em volta da fogueira ou usam roupas extravagantes, do tipo que se vê nas novelas e nos bailes à fantasia. Mas uma coisa eles têm em comum: uma extraordinária capacidade de assimilar o patrimônio cultural de onde vivem, a fim de amenizar o preconceito que enfrentam (ROMANI, 2013, p. 27).

Como descreve a citação acima, o povo cigano é um povo que se define pela facilidade de convívio, pois zelam por sua cultura, respeitando as demais e abstraindo o que tem de melhor para sua sobrevivência em meio a sociedade. Este capítulo apresenta, de maneira geral, a história dos ciganos objetivando mostrar como esse povo que luta, desde sempre em busca de espaço na sociedade, seja ela qual for e de qual cultura for, e manifesta seu desejo de se mostrar ao mundo através de experiências que os permitem apresentar-se como povos de uma cultura ímpar, que tem costumes próprios, que precisa ser preservada e respeitada por todos.

As informações gerais na literatura sobre os mesmos de que dispomos, nos mostram que ao longo de sua história os ciganos situam-se em acampamentos diversos, o que demonstra uma enorme capacidade de adaptação em muitas culturas e sistemas econômicos diferentes. Sobre o que seria um lugar de partida ou de origem, fazem parte de uma etnia iniciada na Índia por volta do ano mil, que emigraram para o continente europeu. Os primeiros registros de sua presença naquele continente têm data no século XVII. Em sua origem, o idioma falado é o romanês, um dialeto complexo derivado do sânscrito. Por terem se espalhado por várias nações da Europa, possuem diversos nomes e distinções diferentes.

A presença de povo cigano por aqui data desde o período colonial, em torno do final do século XVII, momento em que começaram a “chegar” ciganos no Brasil e se espalhar por todas as partes. Expulsos de Portugal por D. Pedro, os ciganos foram “castigados” à virem morar no Brasil. Esse fato, segundo estudiosos, deixou D. Pedro preocupado com a situação já que, no seu entendimento, tratava-se de uma “inundação

de gente tão ociosa e prejudicial por sua vida e costumes, andando armados para melhor cometerem seus assaltos” (PIERONE, 2006, p. 111). Contudo, não bastasse a humilhação de não poderem praticar seus costumes, desse processo resultou um grande êxodo pois também foi decretada a expulsão de vários ciganos para a África. Todavia, cuidou a Coroa portuguesa de minimizar as preocupações, estabelecendo uma resolução Real em 1686 cujo conteúdo cuidava de prevenir o considerado mal que esse povo poderia levar às terras coloniais: “Tendo resoluto que os ciganos e ciganas se pratique a lei, assim nesta corte, como para serem castigados, conforme o dolo e omissão que sobre este particular tiverem” (PIERONE, 2006, p. 111).

O controle sobre suas práticas, seus costumes e seus modos de vida, assim como a punição através de castigos, os acompanhou desde sempre, os distinguindo de outros povos, raças e etnias circulantes ou nômades. Durante o século XVII, foram relatados os primeiros contatos com os ciganos no território brasileiro. Após autorização do Marquês de Pombal, diplomata e estadista português, começaram a entrar nestas terras, e se dividiram nos seguintes grupos: os Calóns (da Península Ibérica), os Rons, e os Manuches (da Alemanha, Itália, França).

Apesar da imprecisão dos dados, são estimados aproximadamente cerca de 600 mil ciganos presentes no Brasil hoje em dia, divididos em ramificações de três etnias distintas, que sofrem com a falta de infraestrutura adequada, dificuldade para ter acesso a programas sociais e para inserir os filhos nas redes públicas de ensino, além de serem submetidos a cenas constantes de discriminação e violência. Tais famílias vivem em 291 acampamentos ciganos registrados por entidades da sociedade civil, prefeituras, governos estaduais e governo federal, em 21 estados. Ficam em maior número localizados em Minas Gerais, Bahia e Goiás<sup>1</sup>.

Ao fazer uma análise de uma sociedade, também se busca descobrir as causas que nos fazem debruçar sobre tais caminhos. Estudar a cultura de um povo não é fácil e nem prático, pois toda cultura tem suas complexidades, expressas em diferentes normas sociais, costumes e condutas culturais. Essas realidades nos mostram o quão é difícil estabelecer relações com um mundo e campo tão complexo quanto o das culturas mais fechadas em si. Como tema de historiadores, a história da cultura cigana ainda não foi suficientemente estudada, sobretudo em abordagens que possam mapear a dinâmica de

---

<sup>1</sup> Sobre os ciganos no Brasil, cf.: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciganos\\_no\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciganos_no_Brasil)>. Acesso em: 29/08/2017.

sua existência ao longo dos séculos e em diferentes lugares e condições, principalmente se tratando de uma cultura rica em material histórico. O desconhecimento da história dos ciganos se constitui uma grande lacuna no campo da história e nos abre um leque de possibilidades e necessidades de estudos distintos sobre os mesmos e nos obriga a nos aproximarmos de forma mais pontual de sua cultura e modos de vida.

Quando se trata de falar, estudar ou analisar e até mesmo contar a história de um povo, implica desenvolver e estabelecer procedimentos históricos capazes de nos informar sobre suas vidas e experiências múltiplas. Por isso trabalhamos, neste estudo, sobre a história dos ciganos e em particular das ciganas Calon da cidade de Sousa, a partir da perspectiva teórico-metodológica da história oral, já que:

Ouve-se com frequência que a história é “construção” – não como sinônimo de “tentativa de entendimento”, de “síntese”, mas como sinônimo de não “vinculada a realidade”: tudo é possível, pois tudo são versões e “construções” do passado. Esse tipo de afirmativa é especialmente recorrente na história oral, terreno das diferentes versões de subjetividade por excelência, muitos não percebem, contudo, que a história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato (ALBERTI, 2004).

Enxergando suas experiências particulares como um povo de cultura distinta, estabelecendo diálogo com outros estudiosos da temática, os quais nos fazem pensar o quão imprescindível se torna o conhecimento da história desse povo para preencher essas lacunas e desmanchar os preconceitos que sofreram e sofrem.

A história de povos ciganos e seus aspectos sociais, tais como: moradia, educação, saúde, costumes, as tradições e o preconceito que sofrem por parte da população não-cigana. A temática não está presente no meio em que vivemos de forma que contemple as demandas sociais deste grupo, mas, reforçando uma ideia maquiada e distorcida difundida ao longo dos tempos de que são desonestos, sujos, arruaceiros e nômades (LUCENA, 2016, p. 2).

A fala de Lucena nos faz pensar que os ciganos, ainda hoje, e apesar do estabelecimento de um maior contato com as populações não ciganas, sofrem determinados preconceitos, que vem sendo mitificados há tempos. Ainda são vistos como arruaceiros, ladrões, gente suja. Mas isso implica também a falta de, ou o não

apoio de determinadas instâncias institucionais para que o povo cigano tenha os mesmos direitos e deveres que os não ciganos, como o direito à infraestrutura, ao saneamento básico, ao atendimento de boa qualidade por parte de órgãos governamentais etc.

Assim, conforme sua história, o povo cigano está espalhado por todo território brasileiro representando diversos papéis na sociedade brasileira, se fazendo presente em vários âmbitos de comunidades ciganas e não ciganas. Onde se fixam temporariamente ou por um tempo, exercendo as mais diversas ocupações: são pedintes, cartomantes, dançarinos, músicos, quiromantes, professores, estudantes, funcionários públicos, dentre outros. Segundo uma pesquisa feita pela Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, o desconhecimento da cultura cigana ainda é um problema na sociedade brasileira:

A sociedade brasileira desconhece a cultura cigana e não consegue entender a maneira de viver desse povo como nômades ou em comunidades. Isso acaba favorecendo uma relação de preconceito e o distanciamento das pessoas de um modo geral (LUCENA, 2016).

Como aponta o estudo acima referenciado, o distanciamento, a não compreensão e a falta de interesse, principalmente em querer entender sobre uma cultura que não faz parte do nosso cotidiano, que não está presente em livros ou registros escritos que possam contar sua história e seu modo de vida, torna difícil o estudo, cada vez mais restringindo a comunidade, gerando preconceito e violências para com o povo e a cultura cigana.

A pesquisa realizada pela Universidade Católica de Pernambuco enfatiza a importância do conhecimento da cultura cigana, de suas tradições e costumes que tentam manter ao longo do tempo, como um marco de destaque das comunidades ciganas:

Uma das tradições ciganas revelada oralmente pelo próprio povo é sobre seus nomes: o cigano ao nascer recebe três nomes dados pela mãe, o primeiro nome é soprado no ouvido pela mãe e apenas ele e ela usam para se comunicar e ninguém conhece. O segundo é o nome que o cigano assume dentro da comunidade. Já o terceiro é utilizado para interagir com os não-ciganos. Nas cidades em que existem comunidades ciganas é comum o preconceito da sociedade e o isolamento dos povos ciganos dos demais contextos sociais. Isso é motivado pela falta de informação. Algumas pessoas ainda acreditam

que os ciganos são baderneiros, preguiçosos e oportunistas (LUCENA, 2016).

Como aponta o estudo, as representações sobre os modos como se comportam diante de uma sociedade não cigana cria uma visão estereotipada do mundo cigano e do cigano como *preguiçosos e oportunistas*. A segregação social serve de base para uma mitificação criada pela indústria cultural onde um ser é aquilo que aparenta e não o que representa. Cria-se personagens, maquia-se uma cultura com base em informações negativas através da mídia e do “ouvi dizer”. Baseando-se nessas informações, a cultura cigana é relativamente desvirtuada e ameaçada por uma descontinuidade da história e pelo não interesse da própria em desmitificar a imagem do povo cigano, mas apresentando-os como uma cultura rica de tradições e representações em nosso meio e suas contribuições históricas.

Trata-se de uma cultura peculiar, onde os mais novos prezam pelo respeito aos mais velhos, onde tentam manter suas tradições e costumes mesmo na realidade em que vivem para que se mantenham e não sejam esquecidas nas próximas gerações. O estudo de uma cultura implica não somente mostrar como vive um determinado grupo de pessoas e sim mostrar como é a realidade de cada um, suas tradições e seus costumes, aquilo que os diferencia dos demais. O não entendimento dessa questão cultural faz com que a sociedade ainda hoje cultive uma visão completamente distorcida da cultura cigana e de seus costumes. São, pois, representações advindas de

[...] ideias e fundamentos, que foram passados de geração em geração, e que apontam para uma realidade na qual os ciganos são encarados como figuras folclóricas, sem levar em consideração sua contribuição para diversos setores como o econômico e o social (LUCENA, 2016, p. 3).

Como diz Lucena (2016), é necessário compreender de fato como se dão as práticas das tradições ciganas através de sua cultura e como representam esse cenário em meio a realidade em que vivem. É preciso compreender a sua forma de vivência dentro e fora de sua comunidade, conhecer suas tradições, seus costumes que são deturpados pelas comunidades não ciganas.

Quem são os ciganos? De onde vieram? Como chegaram ao Brasil? Como viviam? Como é a sua relação com os não-ciganos? Embora muito presentes no

imaginário coletivo, pouco se sabe sobre a origem e o dia a dia dos ciganos para além do folclore e dos preconceitos (TEIXEIRA, 2009).

Como enfatiza o autor, devido aos constantes preconceitos que sofrem os ciganos, por falta de informações verdadeiras sobre sua cultura, uma triste realidade se alastra, muitos ciganos negam suas origens ou vivem embutidos dentro de sua comunidade e longe da sociedade, que só faz julgar e não procura entender e aceitar a cultura de um outro povo, como nos mostra Marsiglia (2008, p. 29):

Imagine um mundo em que as pessoas não tenham endereço fixo, documentos, conta em banco, carteira assinada nem história. E que a vida deles passe despercebida, como se não existisse. Que a única certeza é que nunca faltará preconceito e ignorância, medo e fascínio, injustiças e alegrias ao longo de sua interminável jornada. Bem-vindo ao mundo cigano.

Como apontado acima, um mundo de injustiças e crueldades é reservado aos ciganos diariamente por causa de histórias distorcidas e informações não verdadeiras.

A falta de informação ao longo dos séculos fez com que os ciganos fossem vistos à margem da sociedade como pessoas com quem não se devia chegar perto. Desse modo, o preconceito e a segregação culminaram no anti-ciganismo com o cenário da Segunda Guerra Mundial no qual vários ciganos foram exterminados a mando de Adolf Hitler. Essa perseguição sofrida pelo povo cigano gerou um sentimento de insegurança e motivou o seu isolamento de alguns grupos até os dias atuais (LUCENA, 2016, p. 4).

Ainda de acordo com Lucena (2016), insegurança, medo e sofrimento fazem parte das experiências e vivências dos ciganos. Pensar a história dos ciganos é falar e contar sobre perseguição e mortes. Uma história em que as pessoas ciganas são marginalizadas por seu modo de vida. Ainda hoje não é fácil ou visível a tolerância. Imaginamos, assim, a carga de problemas para os ciganos que vivem e se veem nessa situação de tensão constante, de sua cultura não sendo aceita por outras, onde seus costumes são postos a prova todos os dias. Em função dessa realidade, muitos ciganos se escondem de sua própria identidade e tem medo de se mostrar por medo do preconceito causador de várias representações sociais quase sempre negativas.

O estudo dessas representações como entendimento do outro na sociedade é importante:

É necessário ajustar-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis o porquê construímos representações. E, da mesma forma que, ante as coisas, pessoas, eventos ou ideias, não somos equipados apenas com automatismos, igualmente somos isolados em um vazio social: compartilhamos o mundo com outros, neles nos apoiamos — às vezes convergindo; outras, divergindo — para o compreender, o gerenciar ou o afrontar (JODELET, 1989, p. 1).

Como sugere o autor, um campo de significados e de representações faz parte da vida em alteridade. Compreender uma cultura não se trata apenas de aceitar o modo de vida de um determinado grupo, compreender uma cultura significa, necessariamente, ter em mente que as pessoas são diferentes umas das outras e, conseqüentemente, também o modo como vivem, como se comportam, como agem dentro da sociedade. Os ciganos são de uma cultura extremamente rica, de uma cultura milenar que vem sofrendo modificações ao longo do tempo, e isso faz com vejamos os ciganos com um olhar diferente sobre seus costumes e tradições.

O universo cigano é tão antigo e extenso, tão cheio de crenças e histórias que nem mesmo seu próprio povo conhece bem o limite entre verdade e lenda. É que o nome “cigano” designa muitos povos espalhados por quase todas as regiões do mundo. Povos com diferentes cores, crenças, religiões, costumes, rituais, que, por razões às vezes difíceis de compreender, foram abrigados sob esse o imenso “guarda-chuva”, assim como populações muito diferentes são chamadas de índios (MARSIGLIA, 2008, p. 1).

Cada grupo cigano carrega uma representação específica e distinta do ponto de vista cultural, que atesta o modo como estão estabelecidos em sociedade. Como objeto de estudo dessa pesquisa, trabalhamos com um grupo conhecido em nossa região sertaneja e paraibana por sua cultura nômade e a prática de seus costumes: os Calons. Temos como base teórico-metodológica a história oral, o “ouvir contar”, onde:

[...] como convém ter sempre claro de onde estamos falando quando adotamos determinada metodologia de pesquisa, procuro mostrar que o sucesso da história oral resulta em grande parte de sua vinculação a dois paradigmas da modernidade: o modo de pensamento hermenêutico e a ideia do indivíduo como valor (ALBERTI, 2004).

Esse grupo cigano da Paraíba e, mais especificamente, residente na cidade de Sousa, segundo estudos realizados, representam a maior comunidade cigana do Brasil. Os Calons são conhecidos pela comercialização de animais que faziam até pouco tempo atrás. Hoje, essa prática está extinta, salvo alguns casos isolados. Os ciganos ganharam a denominação “nômade” como uma característica cultural que é utilizada para reforçar a ideia de que seriam nômades por um castigo atribuído a uma traição dos ciganos ao menino Jesus, condenados assim a vagar pelo mundo, tornando-se um povo cheio de mistérios e de uma fé incrível, a cultura cigana,

do ponto de vista cultural, grupos que se pensam e são pensados como diferentes, embora no imaginário nacional sejam representados através da ausência de raízes e de uma liberdade exacerbada, frutos de representações que os ligam ao nomadismo (GOLDFARB, 2004).

Os ciganos não se esforçam por quebrar totalmente as barreiras que os separam dos demais povos, talvez por saberem que se abrirem os limites de seus acampamentos aos não-ciganos a mistura dos povos será inevitável e, com isso, seus costumes, seus hábitos, seus princípios e os seus valores serão de tal maneira modificados que suas tradições perderão sua pureza, e paulatinamente isso poderia destruir o povo cigano e a sua cultura. O esforço de manter sua cultura produz no convívio tensão e conflito:

Desde o início do contato com o Ocidente, eles foram causa de conflitos, provocadores de desordem e subversivos ao sistema. E sofreram todo tipo de perseguições religiosa, cultural, política e racial [...].

É difícil saber o que veio primeiro: hábitos pouco ortodoxos ou o preconceito em relação a uma cultura tão diferente. Os ciganos tinham a pele escura, muitos filhos, uma língua indecifrável e origem desconhecida. Talvez a falta de oportunidades de emprego tenha sido a causa do seu destino artístico. Eram enxotados e então se mudavam, levando novidades dos lugares de onde vinham. Assim, surgiu a fama de mágicos, feiticeiros. Se todos acreditavam nisso, por que não aproveitar para fazer dinheiro? E, então, as mulheres passaram a ler as mãos, a prever o futuro. Negociar objetos era outra forma de sobrevivência: os ciganos tinham acesso a mercadorias “exóticas” e podiam levar sua tralha para onde quer que fossem (MASIGLIA, 2006, p. 2).

De acordo com o que diz Marsiglia (2006), os ciganos não podem ser tidos como um povo homogêneo, pois nem todos são nômades, e definir a identidade cigana é mais

difícil do que parece. “Nem todos falam romani. Nem todos dançam ao redor de fogueiras ou usam roupas coloridas. Podem ser pobres ou ricos. Podem ser cristãos, muçulmanos, judeus. O que faz deles um povo é uma sensação comum de não serem gadgés – como eles chamam os não-ciganos” diz Luciano Masiglia em seu texto “*A história e os segredos do povo mais misterioso do mundo*”.

Viver no mundo cigano nunca foi fácil. Desde os primórdios da sua história de povo andante no mundo sendo exposta até pela Igreja, que os condenava por práticas ligadas ao sobrenatural, como a leitura das mãos e a cartomancia, a discriminação e o preconceito, que até hoje perseguem este povo, devido aos hábitos diferentes de vida, sobrevivendo sempre à margem da sociedade.

Segundo pesquisa feita pelo blog “*Costumes e tradições do povo cigano*”, existe uma lenda que diz que foram os ciganos que fabricaram os pregos que crucificaram Jesus, por isso foram condenados a viverem no mundo da peregrinação. São contos e lendas que servem para aumentar ainda mais o preconceito contra esse povo que só quer seu lugar no mundo, e que principalmente quer que sua cultura seja respeitada como qualquer outra.

Por isso, o clima de grande preconceito se revela nas manifestações e representações que dizem ser os ciganos descendentes de Caim e, portanto, malditos. Por conta disso, matanças, torturas e deportações foram praticadas em vários países, principalmente com a consolidação dos Estados Nacionais, principalmente na Europa, como a Alemanha nazista, na década de 30. Na época do nazismo, muitos ciganos foram levados aos campos de concentração e exterminados. Calcula-se que meio milhão de ciganos tenha sido eliminado durante o regime nazista.

Uma raça mística, esse povo atualmente tão sofrido e ao mesmo tempo tão alegre, vive espalhado pelos cantos do mundo, como seminômades, tendo em vista muitos se estabelecerem para morar em sociedade, como é o caso dos Calon de Sousa. Desde 1982, na “parada para morar”, se fixaram para moradia própria nos ranchos. Divididos em três, como é de costume cigano, cada rancho possui um chefe, com regras, direitos e deveres. Os ciganos de Sousa possuem tradições e valores próprios e buscam preservá-los. Tentam manter sua identidade apesar das mudanças expostas pelo tempo, reelaborando sua cultura. Sabemos que a cultura exerce um papel fundamental nas

relações com os seres humanos, sabendo diferenciar um grupo de outro, o cuidado em manter estas relações é também uma forma de cultura:

Para além dos sujeitos e agências que produzem a cultura, estudam-se os meios através dos quais esta se produz e se transmite: as *práticas* e os *processos*. Por fim, a 'matéria-prima' cultural propriamente dita (os *padrões* que estão por trás dos objetos culturais produzidos): as 'visões de mundo', os sistemas de valores, os sistemas normativos que constroem os indivíduos, os 'modos de vida' relacionados aos vários grupos sociais, as concepções relativas a estes vários grupos sociais, as idéias disseminadas através de correntes e movimentos de diversos tipos. Com um investimento mais próximo à História das Mentalidades, podem ser estudados ainda os modos de pensar e de sentir tomados coletivamente (BARROS, 2003, p. 148).

Segundo José D'Assunção Barros, o homem é autor de sua própria história, mentor de seu destino, somos o que somos e produzimos enquanto seres históricos, vivendo em sociedade em determinado, as histórias de vivências e acontecimentos históricos, ou não, que ficam na lembrança de povos, de culturas diversas no mundo inteiro. Para tanto, é através dessas lembranças que buscamos estudar e analisar a comunidade cigana de Sousa, a Calon, umas das maiores comunidades ciganas existentes na Paraíba, sob a perspectiva e foco nas suas mulheres.

A comunidade cigana Calon está localizada na cidade de Sousa, onde vivem atualmente constituindo suas famílias e valores dentro de uma comunidade cigana que “deixou de ser nômade”. Como já apontamos, a característica cigana do nomadismo, pela qual andam por vários lugares sem permanecer neles, apenas abstrai sua cultura. Os Calon pararam de “perambular” e se fizeram permanecer, integrando a sociedade.

A comunidade cigana da cidade paraibana de Sousa consiste de três assentamentos conhecidos localmente como *ranchos*, situados ao longo da rodovia BR 230. Formada por ciganos da etnia Calón, a comunidade surgiu em meados do ano de 1982. Essa fixação territorial foi possibilitada através da atuação e negociação conjunta com órgãos governamentais, e entre o então prefeito da cidade, Antonio Mariz, e os chefes das comunidades. O fato de não encontrarem apoio nas fazendas locais também fez com que procurassem o prefeito e ali estabelecessem residência.

No início dessa adesão e sedentarização na cidade de Sousa, a população da cidade ficou um pouco assustada com a ideia pelo fato de não conhecerem os ciganos e em função dos estereótipos e representações como sendo arruaceiros, ladrões, dentre

outros mitos criados ao longo do tempo para essa cultura, mas que atualmente, apesar de existir ainda um grande preconceito por parte da população, já não pesam tanto e a comunidade é “bem aceita”.

Considerada a maior do Brasil, a comunidade cigana de Sousa soma aproximadamente 600 pessoas, divididas em ao menos três núcleos populacionais distintos. Dois deles, conhecidos como *Rancho de Cima* e *Rancho de Baixo*, situam-se acerca de três quilômetros do centro da cidade, enquanto que um terceiro, de constituição mais recente, encontra-se a aproximadamente um quilômetro destes. Cada um dos agrupamentos é encabeçado por um *presidente*, que é responsável pela resolução de conflitos internos e representação da comunidade junto às autoridades municipais. A sociedade é profundamente patriarcal, sendo os chefes de família responsáveis pela organização da vida pública, enquanto que às mulheres é reservada a vida doméstica (ABRANTES *et al*, 2016).

Para além de uma história cultural, a história cigana nos mostra que envolve não somente um mundo misterioso a ser desvendado, mas também um mundo onde as pessoas precisam e querem ser compreendidas como elas são, um mundo onde não exista mais o preconceito por causa da sua língua, raça ou cor. Que sejam vistos como pessoas que fazem parte da sociedade que escolheram morar e que podem partilhar dos mesmos direitos e deveres, pois fazem parte de nossa cultura, fazem parte da construção e crescimento da nossa sociedade como um todo, já que:

Conforme Barth, não é o isolamento geográfico ou social que representa o fator definidor da diversidade cultural. A identidade, que pode ser desenvolvida no plano das ações ou das narrativas, representa um recurso indispensável para a criação de um nós coletivo, fundamental ao sistema de representações através do qual os grupos podem reivindicar um espaço de visibilidade e de atuação sociopolítica (ABRANTES, 2016, p. 2).

Não é o isolamento que identifica determinado grupo social e sua identidade como cultura, e sim suas representações como pessoas que se identificam e querem ser identificadas por aquela determinada imagem que apresentam, no caso dos ciganos, eles querem ser reconhecidos como realmente são, por suas roupas, costumes e valores que representam.

Durante a realização dessa pesquisa com esse grupo cigano, conhecendo-os de perto, pudemos perceber o quanto a sociedade distorce a figura cigana e seus costumes, através de falsas ideias e falsos fundamentos, que foram passados de geração em geração. Esse contato nos fez perceber o quanto ainda são os ciganos vistos como figuras folclóricas, sem nenhum entendimento ou questionamento da realidade e história complexa, sem levar em consideração suas lutas e suas contribuições nos diversos setores em que atuam, no campo social, no campo econômico, culturalmente, e em vários outros âmbitos da sociedade.

Como sabemos, a vida cigana tem sofrido modificações ao longo do tempo, sejam elas culturais, sociais e nas suas tradições, como as roupas, as danças, as festas de casamento, dentre outros costumes próprios das comunidades ciganas que se modificam com o tempo, com a evolução da tecnologia e os avanços das sociedades onde se encontram.

Diante das dificuldades enfrentadas pelas comunidades ciganas fica difícil esclarecer como eles conseguem manter suas tradições e seus costumes, no entanto, apesar dessas dificuldades, acreditamos que encontram forças para seguir em frente se mantendo dentro de suas tradições. A língua cigana foi criada pelos próprios ciganos a fim de se defenderem da discriminação por parte da sociedade, tornando-se um fator determinante no auto reconhecimento entre os familiares, que se faz através da oralidade. Como bem sabemos, isso dificulta ainda mais o estudo sobre o povo cigano, e por isso baseamo-nos na história contada, no ouvir contar.

A identificação dessas formas de elaboração do real pode ajudar a compreender o fascínio da história oral. Repetições e detalhes que funcionam como divisões infinitesimais em uma entrevista podem ser parte do esforço obstinado e ao mesmo tempo impotente de refazer o percurso vivido. Por momentos podemos ter a impressão de que é possível abolir as discontinuidades com o passado. Ao mesmo tempo, sabemos que o passado só “retorna” através de trabalhos de sínteses da memória: só é possível recuperar o vivido pelo viés do concebido (ALBERTI, 2004).

Vários pesquisadores afirmam que trata-se de um resgate cultural, e que as famílias ciganas, por sua vez, aceitam essa hipótese apenas dentro das comunidades, pois fora delas retiraria a defesa dos ciganos, e acabariam com o que resta de sua cultura. A língua e a tradição oral trata-se de uma identificação linguística entre ciganos,

independente dos grupos a que pertençam. Tal identificação inicia pela identificação da família a que se pertence, e por serem de uma cultura fortemente patriarcal, identifica-se inicialmente o pai, avô ou irmão. Nunca se pergunta pela mãe, seja ela pertencente ao grupo cigano ou não. O importante é que seja aceita pelo homem da família, ou seja de uma família importante da comunidade, mas quem sempre tem o destaque é o “dono da casa” e chefe da família. Na musicalidade, na dança, mas também nos serviços domésticos, nessa cultura patriarcal, é onde podemos notar a forte presença da mulher cigana.

Fazendo-se destacar pela alegria desse povo, na música os ciganos extravasam sua felicidade e todo seu sentimento. Na dança comungam com a natureza. São aspectos de uma cultura rica em ensinamentos e interação entre terra e céu, e por isso as ciganas dançam descalças. Entre as danças ciganas existe a dança do lenço, do punhal, da fogueira etc. O que se vê em destaque e que se pode verificar, porém, é que a cigana, embora tenha movimentos aparentemente sensuais, é pudica, e jamais se vê além de seus tornozelos nos seus rodopios e maneios. Usam saias sobre saias (até sete peças) para evitar acidente nas coreografias. Portanto, as ciganas são estereotipadas em filmes e novelas, que não tem nada a ver com a realidade. Na dança o cigano procura desenvolver relação telúrica, conectar-se com a natureza e deixar fluir para a superfície física do ser, todos os sentimentos mais íntimos. Para o cigano, dançar é celebrar a vida, a existência, e se ligar a Deus.

Seja na música ou na dança, ou em vários aspectos da cultura cigana e suas tradições e costumes, percebemos a vivacidade de um povo que contribui e tem contribuído para a construção de uma sociedade, em vários aspectos da vida.

Carregam um ar de povo misterioso. Na sua fé, a maioria dos ciganos professam o catolicismo, sendo comum a prática dos sacramentos, são frequentes também as romarias, promessas e devoções típicas do sertão paraibano, como culto a Frei Damião e Padre Cícero. A religião dos ciganos é considerada confusa perante a sociedade, especialmente quando o assunto é a ciganidade. Até os dias atuais a religião cigana é desconhecida pelas sociedades ao seu redor, devido a não conseguirem distinguir se a prática de ler mãos e jogar cartas é uma arte, um dom ou uma religião. São características complexas, para as quais não existem explicações. Essa dualidade entre etnia e religião dos ciganos ainda confunde muito as sociedades.

A rejeição é acompanhada de medo dos ciganos, desde os tempos mais remotos de sua presença no Brasil e na Paraíba. Conforme relatos dos mais velhos, bastava um cigano chegar em algum lugar que as pessoas trancavam as portas, julgando-os ladrões de galinha ou algo do tipo. Hoje em dia não é diferente, a diferença é que com a criminalização dessa ação através de leis específicas, vem diminuindo. Na verdade, criou-se um novo tipo de racismo, o racismo silencioso, que ainda acontece em diversos lugares, sejam públicos ou privados. A sua ausência nas escolas, por exemplo, se reflete no grande número de ciganos analfabetos, culminando nas discriminações enfrentadas que sofriam e sofrem, favorecendo a visão da sociedade para um povo rústico, sem instrução, pobre e analfabeto, que não consegue emprego, de comprometida sustentabilidade familiar.

O Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI), inaugurado em 2009, embora tenha ficado sem utilização nos dois primeiros anos por falta de apoio público, busca fortalecer e valorizar a cultura cigana, desenvolvendo a inclusão digital e um espaço onde são realizadas as manifestações culturais dos mesmos.

Aos poucos a cultura cigana vem sofrendo influências externas, seja pelos casamentos com pessoas de fora do grupo, seja pelas condições impostas pelo sedentarismo. Contudo, percebe-se que esse aspecto ou essa realidade de perda cultural da vida cigana, dá-se pelo fato de terem que lutar por sua sobrevivência, com o sustento familiar abalado, resta aos ciganos pedir nas ruas, pois nas comunidades ciganas assim como em qualquer outra, existem idosos e crianças, e estes precisam suprir suas necessidades.

A discriminação, por sua vez, é considerada uma das principais causas do nomadismo, outro aspecto cultural importante da vida cigana, mas que é pouco discutido pelos ciganos, pois estes não revelam o real motivo de sua peregrinação, o que sabemos é que o nomadismo é um dos frutos da discriminação.

Ferindo o princípio constitucional da dignidade humana, a discriminação faz com que os ciganos comecem a se despir culturalmente, muitas vezes esquecendo-se do que é ser cigano. A cultura cigana se reflete na alegria do seu povo, se destaca na suas roupas, na sua língua, na sua fé, no modo de como veem o mundo ao seu redor e da forma como transmitem isso para si e para os demais, seja dentro ou fora de uma comunidade cigana.

A história dos ciganos é projetada na longa duração de sofrimentos por muito tempo, seja pelos preconceitos constantes ou pela exclusão sofrida em sociedade, sabemos que não existe uma origem certa para os ciganos. Compreendemos que é um povo que luta e que deseja um espaço que seja respeitado por todos. De uma cultura rica e importantíssima para a construção de sua história, os ciganos fazem parte também da nossa história. Se formaram como um povo utilizando-se da cultura original deles e das culturas dos países por onde passavam. Um povo rico em tradições, costumes e história, verdadeiros sobreviventes do tempo.

Com os Calon da cidade de Sousa não foi diferente, mesmo parando para morar, fazem o possível para manterem as suas tradições e seguirem a sua cultura original. Apesar de existirem mudanças em seus costumes, mantêm viva a sua cultura, pelo menos no que se refere aos principais costumes, como: cada comunidade tem um chefe, é por ele que passam todas as “queixas” da comunidade e por ele tem que ser resolvidas; os anciões são muito respeitados, visto como sábios; as mulheres ainda são reservadas a família e ao lar. São muitas as lacunas sobre os costumes e tradições dos ciganos e, em especial, sobre as tradições culturais específicas das mulheres ciganas, pouco sabemos como e o que as mantêm vivas até hoje.

Partindo disso, e sendo um dos objetivos dessa pesquisa, o próximo capítulo abordará a história dessas mulheres, tentando responder questões sobre como elas vivem, quais seus costumes e tradições, qual realidade enfrentam no dia a dia e quais seus desafios.

## CAPÍTULO II

### A MULHER CIGANA NA HISTÓRIA E NA HISTORIOGRAFIA: SILÊNCIOS E DESAFIOS

Neste capítulo pretendemos apresentar de maneira mais específica a mulher cigana na história, como têm vivido essas mulheres no decorrer do tempo, quais são os costumes e desafios enfrentados no dia-a-dia na condição de mulher, em meio às dificuldades encontradas por causa do preconceito excludente ainda latente para com seu povo.

Entendemos ser necessário cuidado e respeito ao tratarmos de vidas que sofreram e sofrem no decorrer do tempo com um racismo que permanece ameaçando suas tradições e costumes, pondo em risco sua cultura rica e de grande valor para a construção da sua história. Sabemos que a população cigana no Brasil e principalmente no Nordeste é considerável, pois cerca de 500 mil ciganos vivem espalhados pelo país, distribuídos por “ramificações de três etnias vivem, hoje, em 291 acampamentos instalados para acesso a programas sociais e educação para os filhos” (CAVALCANTI, 2013).

Antes de tudo, ou seja, antes de serem ciganos, são também brasileiros, e fazem parte da construção da nossa história, estando aqui há mais de 439 anos, fazendo parte da construção do Brasil. O povo cigano une diversas culturas, apesar de apresentarem semelhanças, sejam de diferentes lugares e condições sociais, vivenciam desafios igualmente diferentes, avalia o etnógrafo Davi Lisboa, da Universidade Federal da Bahia:

Eles são uma minoria étnica que ficou, durante muitos anos, ignorada pelo Estado. Passar a ter esse reconhecimento desejado é algo que requer tempo, mesmo com as políticas tendo sido iniciadas a alguns anos. Os ciganos enfrentaram em todo mundo, ao longo da história, grandes obstáculos e mantem até hoje seus costumes e modos de viver.

Como diz o estudo, trata-se de uma história de resistência. Atualmente, a maior parte dos ciganos vivem de forma sedentária em residências fixas, porém mantendo vivos os seus costumes. Nesse sentido, a situação da mulher não pode ser vista como um caso estereotipado, onde, quando visto pelos não ciganos, se apresenta fortemente o machismo.

Na cultura cigana encontra-se a subordinação da mulher ao homem. Quando pequena, a menina obedece ao seu pai; na mocidade obedece ao pai e aos irmãos; casada obedece ao marido; quando idosa obedece aos filhos. Existe também a subordinação em relação à idade, pela qual os filhos obedecem aos pais (mesmo adultos), os jovens obedecem aos adultos e a todos os “homens de respeito” — que são sempre homens de idade. Ou seja, há uma hierarquia análoga entre as mulheres, se bem que a sua lealdade seja sempre em relação ao mundo dos homens, contrastam em muito com os ideais dos países ocidentais ditos democráticos.

A mulher cigana se casa cedo, em geral antes dos 20 anos. Para os ciganos, a família é de um valor inestimável, então, filhos são muito bem-vindos, sejam as famílias de qualquer condição social. Casamentos são arranjados dentro da comunidade cigana, isso é cultural e para elas não é estranho, faz parte de seus costumes e suas tradições, assim como outros costumes:

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros (BARROS, 2003, p. 157).

Sobre a história dos modos de vida cigana, o que mais sabemos é que trouxeram consigo uma cultura nômade, colorida e extremante patriarcal. As mulheres ciganas pouco aparecem na história e na historiografia, tudo que sabemos é que elas têm o “dom” de ler as mãos das pessoas adivinhando seu futuro, do jogo de cartas, do dedicar-se a cuidar de sua família, marido e casa.

Também suas vestimentas nos informam quem são. Quando cruzamos uma cigana no meio do caminho, de saia rodada e colorida, estamos diante de uma peça da resistência, pois, para todas, o que as define de fato como mulheres ciganas são suas

vestimentas. E apesar das suas vestes as tornarem alvo fácil de preconceitos, elas as exibem com orgulho, como marca indenitária.

A literatura sobre os ciganos ainda se apresenta carente de novas abordagens e conforme relata Teixeira (2008), ela moveu-se basicamente em duas direções:

Primeiramente, abriram-se duas possibilidades de estudo: a transformação do papel socioeconômico dos ciganos e as mudanças na imagem que a sociedade formara deles. E descartar a perspectiva de um estudo exaustivo do cotidiano cigano, já que as fontes não propiciavam fazê-lo (TEIXEIRA, 2008, p. 7).

Estudos outros, sobre o interior e essência de sua cultura, do cotidiano e de suas trajetórias, ainda devem ser feitos. Ninguém sabe ao certo de onde vieram os ciganos, pois o primeiro registro de sua presença no Brasil data-se do ano 1574: a deportação do cigano João torres e sua esposa, Angelina, para cá, a mando do governo português. Para tanto, o que queremos mostrar aqui não é como eles chegaram, e sim como tem vivido as mulheres ciganas no Brasil e na história:

Acrescente-se que, desde a colônia, a mulher cigana tinha um comportamento completamente oposto ao da mulher branca das camadas superiores. Enquanto a cigana ia e vinha pelas ruas da cidade, a mulher da elite era a “dona ausente”, confinada à casa e saindo somente em raras ocasiões. Às ruas centrais da cidade, iam os homens para barganhar e as mulheres para ler a sorte e, ocasionalmente, mendigar. Essas mulheres disputavam, com mendigos e negras de tabuleiro, a atenção dos pedestres e o espaço nas ruas. Estas ruas eram muito importantes para os ciganos. Ali eles faziam seus contatos e negócios e se informavam de prováveis ações policiais, das quais deveriam ser avisados os que haviam permanecido no acampamento. Apesar das diversas atividades dos seus membros (TEIXEIRA, 2008, p. 36).

Na tradição cigana a mulher ocupa também um lugar de convívio com o público e com a rua, “a mulher cigana tinha um comportamento completamente oposto ao da mulher branca das camadas superiores”, reservadas estas ao recanto do lar como diz o autor. Supomos assim ser essa presença da mulher cigana no mundo dos homens um fator importante na disseminação da tensão e do conflito. Mas pouco sabemos sobre a dinâmica desse papel. Um dos principais objetivos dessa pesquisa é focar a mulher cigana na sua história, seus costumes e os desafios que enfrentam ainda hoje no dia a

dia. Sabemos que o objetivo da história é estudar a ação dos seres humanos no tempo, ao longo das mudanças e permanências. Para tanto, também sabemos quão difícil é se posicionar como mulher em sociedade, mesmo sabendo que hoje os movimentos feministas estão tomando conta das ruas e das redes sociais, à procura de seus direitos e deveres, expondo suas responsabilidades e lutando por direitos iguais, numa sociedade ainda considerada machista. Mas mesmo depois de vários direitos das mulheres terem sido conquistados, o machismo continua presente nas relações sociais e como componente cultural da imensa maioria das civilizações do globo.

Apesar dessas lutas e das conquistas, as mulheres ciganas ainda são relativamente excluídas da sociedade, são mal vistas, como diriam as pessoas nas ruas, são consideradas inoportunas, muitas vezes, ou quase sempre sofrem racismo, um preconceito excludente que expõe a imagem da mulher cigana como um ser de que devemos nos afastar. Esse racismo esquecido e negligenciado, que ainda emana das relações de poder e das práticas coloniais.

Falar sobre violência contra as mulheres ciganas é, sobretudo, falar sobre racismo, os dados são raros e quase não existem pesquisas sobre o assunto, nem sobre violência, nem sobre a vida das mulheres em si. Contudo, para as mulheres ciganas, são atribuídos os mais variados rótulos racistas, como trapaceiras, sujas, ladras e sedutoras, uma “raça” de “degeneradas”. Já sabemos, porém, que os ciganos foram decretados como uma raça degenerada, ou seja, grupos indesejáveis na sociedade, como se fossem uma carga que a sociedade tivesse que carregar:

A história dos ciganos é toda baseada em suposições. E a razão é simples: faltam documentos. Os ciganos são um povo sem escrita. Eles nunca deixaram nenhum registro que pudesse explicar suas origens e seus costumes. Suas tradições são transmitidas oralmente, mas nem disso eles fazem muita questão – os ciganos vivem o hoje, não se interessam por nenhum resquício do passado e não se esforçam por se manterem unidos. A dificuldade em se fixar, o conceito quase inexistente de propriedade e a forma com que lidam com a morte – eliminando todos os pertences do falecido – dificultam ainda mais o trabalho aprofundado de pesquisa (MARSIGLIA, 2008, p. 1).

Nesta conjuntura de características ciganas, é ainda mais difícil estudar a vida da mulher cigana. O que sabemos, através de uma literatura mais geral sobre a vida cigana, é que as mulheres se casam cedo, abandonam a escola cedo, tem filhos cedo e cedo

deixam de ser meninas para se tornarem mulheres, cuidar de seu marido, de uma casa e da família. Vemos aí o papel generalizado de mulher cigana. A educação, sobretudo no que diz respeito à educação das mulheres de menor poder aquisitivo depende do poder de negociações que os pais têm com outros homens da comunidade ou não, poder de aquisição mais altos, de venda e troca de mercadorias típicas da cultura cigana Calon. Os casamentos, precoces aos olhos da comunidade majoritária, retira a adolescente da escola porque assim dita a tradição. O abandono escolar antes dos 12 anos é recorrente e compromete as dimensões da integração social, a inserção da futura mulher no mercado de trabalho. A frequência universitária não é regra junto às adolescentes e jovens adultas ciganas, são exceções. Obviamente, nos dias atuais existem várias exceções (MARSIGLIA, 2008).

Enquanto o homem representa o esteio e o braço forte da família, a mulher cigana significa o lado terno e de proteção espiritual dos lares ciganos. Ela é quem desempenha um dos papéis mais importantes na estrutura da família: o de mãe. Cabe as mulheres desde cedo cuidarem das tarefas do lar, tornando-os o mais aconchegante e confortável possível; faz parte de suas lutas diárias, de um costume cultural da vida cigana, seja no lar paterno, seja no seu próprio com seu marido. As meninas sempre ficam ao lado da mãe, auxiliando em casa, nos serviços domésticos, cuidando dos irmãos, aprendendo com os mais velhos sobre as tradições e seus costumes como, por exemplo, a leitura das mãos, jogo de cartas, danças, dentre outros manuseios dominados tão somente pelas mulheres ciganas. Aprendem também sobre as cerimônias, a realizações dos rituais e dos preceitos religiosos.

Se marca, em várias histórias da vida cigana, principalmente nas que vemos nos filmes e contos, que a mulher cigana tem seu lado feminino marcadamente atraente, colorido e sensual. Aliás, quando pensamos em ciganos nos vem logo na mente a imagem de mulheres vestidas com longos vestidos e saias coloridas dançando e mostrando seu lado mais alegre, de cabelos escuros apanhados por lenços coloridos, muitas joias no pescoço e nos punhos e orelhas.

Ainda de maneira geral, o que sabemos sobre suas tradições é que as mulheres ciganas “devem” saber cozinhar, cuidar da casa, dançar, enfim. Existe ainda um termo consolidado pela estética: as mulheres devem ser bonitas para arrumar um bom casamento, e se não cumprirem com esse estereótipo de beleza dentro das comunidades

ciganas, não casam, a não ser que o pai seja um homem influente dentro da comunidade e que possa pagar um bom dote. Para manter as tradições os ciganos não se permitem casar fora das comunidades, com não ciganos, mas há exceções. Se casam muito jovens, logo depois da primeira menstruação, com seus 14, 15 ou 16 anos de idade, em casamentos ainda arranjados pelos pais. Devem ser virgens, condição fundamental para o matrimônio

A manutenção da virgindade é uma prática enraizada na cultura cigana a que poucas escapam. Curiosamente, quem tira a virgindade das noivas no dia do casamento não é o marido, mas uma mulher mais velha. Nesse mesmo dia elas têm sua virgindade avaliada pelas mais velhas, pela mãe do noivo e pela matriarca do clã. Um ato que para os não ciganos é primitivo, constrangedor, levando em conta a exposição das mesmas, são costumes arraigados dos ciganos em si, sendo a mãe da noiva agraciada e cumprimentada por todos se a noiva for virgem como pede a tradição. Caso não seja virgem, será severamente castigada, o casamento é desfeito, e sua família ainda tem que fazer reparação aos pais do noivo por tamanha humilhação. Em razão disso, as mulheres ciganas se guardam severamente em sinal de respeito a sua família, a toda comunidade e a si mesma. Às mulheres casadas também não é permitido ter qualquer contato com outros homens que não seja marido ou filhos.

Em muitos lugares, os direitos das mulheres são institucionalizados e garantidos pela legislação, pelos costumes e comportamentos, enquanto em outros locais eles são suprimidos ou ignorados, variando de noções das mais amplas dos Direitos Humanos a reivindicações contra tendências históricas e tradicionais.

De acordo com a ONU, são direitos da mulher:

1. Direito a vida.
2. Direito a liberdade e a segurança.
3. Direito a igualdade e a estar livre de todas as formas de discriminação.
4. Direito a liberdade de pensamento.
5. Direito a informação e a educação.
6. Direito a privacidade.
7. Direito a saúde e a proteção desta.

8. Direito a construir relacionamento conjugal e a planejar a sua família.
9. Direito a decidir ter ou não ter filhos e quanto tê-los.
10. Direito aos benefícios do progresso científico.
11. Direito a liberdade de reunião e participação política.
12. Direito a não ser submetidas a torturas e maltrato (ONU, 1945).

A discriminação contra a mulher nos dias atuais tem sido um dos principais obstáculos à efetividade do direito à educação e à saúde de crianças e adolescentes em vários países subdesenvolvidos (KONDER, 2010).

A mulher cigana sofre esse preconceito constantemente por ser mulher e por ser cigana, dentro de uma sociedade machista, racista e preconceituosa que julga pessoas pela raça e cor de sua pele ou por sua orientação sexual. As mulheres ciganas têm sido e vem sendo excluídas da história, mulheres sem voz e sem vez na sociedade, enfrentando tantos e tantos obstáculos no dia-a-dia, do amanhecer ao anoitecer.

Um cenário onde o preconceito e a discriminação convivem com a dificuldade para acessar até mesmo os direitos mais fundamentais, como saúde e educação, é o que caracteriza o universo dessas mulheres nas comunidades ciganas do Brasil. Habitadas a viverem quase invisíveis, sofrem constantemente, é uma violência de gênero que elas mesmas tem como cultural. Temos que ter em mente uma diversidade de costumes e culturas, pois cada família tem as suas regras e suas representações. Usamos aqui o conceito de “representação social” para indicar significados que grupos ou indivíduos, vivendo em sociedade, constroem ou são submetidos no processo de interação social:

Essas representações formam sistemas e dão lugar a “teorias” espontâneas, versões da realidade que encarnam as imagens ou condensam as palavras, ambas carregadas de significações — e veremos que se trata de estados que o estudo científico das representações sociais apreende. Enfim, através dessas diversas significações, as representações exprimem aqueles (indivíduos ou grupos) que forjam e dão do objeto que representam uma definição específica. Essas definições são partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem, para esse grupo, uma visão consensual da realidade, esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas — e veremos que se trata das funções e da dinâmica social das representações (JODELET, 1989).

Muito ainda resta a fazer para eliminar as desigualdades e os obstáculos que continuam a enfrentar, sobretudo no que se refere aos seus direitos de cidadania, a sua participação nas tomadas de decisão, em particular no que diz respeito às questões que afetam a comunidade e seus direitos, para que sejam de igualdade a utilização dos recursos, incluindo os serviços públicos e o acesso à justiça. Enfim, as mulheres ciganas ainda estão à espera de se tornarem parte integrante das prioridades a níveis nacionais, estaduais e dentro da sua própria vida e comunidade.

## 2.1 A VIDA DA MULHER CIGANA: TRADIÇÕES E COSTUMES

Um campo de possibilidades de conhecimento da vida cigana se apresenta aos interessados. Pouco se sabe sobre os ciganos e sobre a sua cultura, como já dissemos acima. Mas se sabe que a cultura cigana é rica em tradições e costumes que a tornam um povo único e cheio de mistério sobre suas vidas e suas particularidades.

Um povo que se distingue pelas práticas e por suas representações em meio às sociedades que habitam, que escolheram para “morar” — pois sendo de origem nômade as paradas serviam apenas para abstrair conhecimento daquela sociedade, daquela cultura nova e apreciar suas vidas cotidianas, mas nunca permanecer.

Uma comunidade cigana é organizada pelo poder do chefe, o qual é responsável por manter a ordem dentro da comunidade, pela segurança, e é o porta-voz das famílias existentes em cada comunidade, todos os problemas passam por ele até serem solucionados. Depende do chefe qualquer ação. Na cultura cigana, cada um tem um papel diferente: as crianças representam a felicidade e a harmonia da família, enquanto os idosos, a sabedoria. Estes também exercem a palavra máxima de poder dentro das comunidades.

As mulheres ciganas se dividem nos afazeres domésticos, nas danças, na cartomancia, na leitura de mãos. Por não conseguirem emprego, muitas vezes por causa do preconceito, estes são o único sustento que podem dar a sua família e é o que sabem fazer de melhor.

O modo com que os ciganos atuam nos locais em que vivem e a segregação social serviram de base para uma personificação de características fictícias criada pela

indústria cultural, isto é, quando os ciganos que conhecemos pela mídia, novelas e filmes são representados por personagens sedutores, que amaldiçoam, rústicos, dentre outros, são mitos que a mídia personifica, transformando-os no que queremos ver ou acreditar.

No campo da literatura, muitos trabalhos foram feitos sobre os ciganos, por sociólogos, antropólogos, mas quase nunca por historiadores. A história e a historiografia do mundo e da vida cigana, e também sobre a representação da mulher cigana e sua importância para as comunidades, como exemplo de força, coragem e determinação na luta por seu espaço dentro e fora da comunidade cigana, é escassa e lacunar.

Foi com base nesse contexto de desinformação e lacuna de estudos sobre a vida e cotidiano do povo cigano que pensamos em mostrar o cotidiano cigano através das mulheres ciganas Calon da cidade de Sousa, no interior paraibano, visando conhecer de perto sua cultura, costumes e tradições, e os desafios que enfrentam do dia-a-dia.

Quem são os ciganos? De onde vieram? Como chegaram ao Brasil? Como vivem? Como é sua relação com os não ciganos? Embora muitos presentes no imaginário coletivo, pouco se sabe sobre a origem dos ciganos para além do folclore e dos preconceitos (TEIXEIRA, 2009, p. 10). Com base nessas questões, objetivamos mostrar como vivem as mulheres ciganas, através do conhecimento das mulheres que vivem na comunidade Calon investigada, e desmitificar o universo desse povo perante a população, bem como discutir tradição, cultura e estilo de vida dos ciganos dessa comunidade.

Na nossa pesquisa se fez necessário levar em conta a forma como o próprio cigano se vê dentro de sua cultura, de como se conecta com a cultura que por eles é expressada, uma cultura milenar que sobrevive às transformações do tempo e espaço em que vive, para assim compreender esse espaço e adentrar nele, estudar sua atual condição e analisar seu modo de vida. Como lidam com a prática da leitura da sorte? Como aprendem essa prática desde cedo? Como é a instituição da chefia por homens? As influências diretas e/ou indiretas das mulheres sobre a organização de poder das comunidades ciganas de Sousa?

Assim, as personagens alvo da pesquisa serão as mulheres ciganas e suas histórias de vida dentro da comunidade, para que assim possamos conhecer e compreender um pouco da história dessas mulheres por elas mesmas.

Para tanto, é necessário conhecer mais e aprender um pouco sobre as mulheres ciganas. Vimos, em determinados momentos, o esplendor da cultura cigana refletido nas portas de suas casas, nas andanças pela cidade, no jeito de falar dentro da comunidade, no jeito de tratar uma pessoa de fora, não cigana — como no nosso caso — o olhar, o agir, as lembranças compartilhadas dos tempos que andavam pelo mundo, histórias e mais histórias da vida cigana, sob contos, vivências, sabedorias de uma mulher cigana.

Obviamente, não estamos perante um grupo propriamente impermeável aos valores, estilos de vida, recursos e potencialidades provenientes da sociedade em geral: sua identidade e modos de vida assentam em grande medida na filiação étnica, estruturada em torno de um quadro de valores comum, peculiar, estruturador de suas vivências e relativamente diferente do que prevalece na sociedade envolvente (MENDES, 2008).

Humildes e de uma simplicidade que contagia, receptivos por natureza, um povo alegre que traz consigo muitas lutas e labutas, muito sofrimento e muitas alegrias, apesar do constante preconceito. Não se deixam abater e não deixam de ser felizes e viverem como vivem, sendo ciganos, com seus costumes e tradições e representações que os diferenciam dos demais povos, das demais culturas. Para entender as formas de representações que nos oferecem, é necessário se fazer um estudo mais aprofundado, com foco neste povo e em sua cultura.

Além de algures setores onde se expressa a liberdade do povo cigano como um todo, a religião se destaca como sendo preservada em alguns casos. Hoje encontramos ciganos que buscam outras religiões, como evangélicas, espíritas, entre outros credos e seitas.

Segundo estudo realizado no Núcleo de Estudos Ciganos de Recife, em 2008, por Rodrigo Correia Teixeira:

O fato de não empregarem os sacramentos católicos (casamentos ou batismo de crianças por um grupo desprezível, exemplo), em favor de seus costumes, desafiava a moral religiosa, que pretendia controlar todas as parcelas da sociedade. Tomada como afronta a igreja, as cerimônias que os ciganos faziam a sua maneira, gerou uma duradoura

antipatia do clero. Embora a “feitiçaria” cigana poucas vezes ia além da prática da buenadicha, ela era rigorosamente atacada pelos religiosos. O agravamento disto, era que uma vez atingida a igreja, a coroa portuguesa também se sentia afetada – No século XIX, os ciganos continuaram sendo vistos como, um grupo desprezível, por não se guiarem por preceitos católicos. No entanto, esta visão foi suavizada, porque a compreensão dos ciganos enquanto raça e grupo socialmente desclassificado obteve maior importância.

Nessa liberdade de crença surge a de escolha (ou não) de uma religião, da liberdade de aderir a qualquer seita religiosa, ou a liberdade de mudar de religião. Existem limites, pois essa liberdade não compreende a de embarçar o livre exercício de qualquer religião por outro cigano. Para tanto, os ciganos vivem essa liberdade de expressão hoje, podendo escolher o caminho que querem seguir, seja na religião ou em qualquer âmbito da sociedade que desejam seguir.

Os ciganos compreendem grupos específicos e distintos do ponto de vista cultural, grupos que se pensam e são pensados como diferentes, embora no imaginário nacional sejam representados através da ausência de raízes e de uma liberdade exacerbada, frutos de representações que os ligam ao nomadismo (GOLDFARB, 2004).

Os ciganos estão vivendo há muito tempo em residência fixa, espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Se adaptando às sociedades em que escolheram para “parar”, adaptando-se a culturas e criando nelas espaços confortáveis para viver, não somente se tratando de moradia, mas espaço de ação em sociedade, seja social, cultural, econômico e político.

## 2.2 OS CALON DE SOUSA: PRECONCEITO E EXCLUSÃO

Os ciganos de Sousa viveram o lado mais duro do preconceito ainda no período nômade, e embora reconheçam a sua diminuição gradativa a partir do momento em que “pararam para morar” na cidade, a desconfiança dificilmente se esfacelaria em menos de 30 anos de residência fixa, ainda permanecendo como pressuposto dessa relação. Hoje, os mais velhos quase não confiam na possibilidade de haver algum não cigano bem-intencionado para com eles (ABRANTES, 2016).

Basicamente, entender o cigano ou sua conjuntura em relação às questões ciganas, deve ir além da interpretação de que há somente uma ciganidade comum, ou igual a todos os grupos, mas que vivem em diferentes condições, habitacionais ou territorial, econômica e política. Produzem realidades personalizadas, por consequência de relações diferenciadas (ABRANTES, 2006).

Desta forma, estamos diante de um tema que abrange não somente uma cultura, mas a vida total de um povo, suas representações, práticas e tradições, o que os tornam um povo único. A perspectiva de estudo sustenta-se na teoria das entidades sociais, da identidade de um grupo de pessoas, mostrando um caminho interessante a seguir para a compreensão da realidade dos ciganos, e da mulher cigana em si, no contexto do mundo em que vivem. O processo é moroso, mas o caminho está sendo percorrido. A cultura cigana vem aos poucos sofrendo influências e modificações externas, seja pelas condições impostas pelo sedentarismo, ou por casamentos fora do grupo. Para tanto se faz necessário um olhar cultural e sim social, para essa cultura, para esse povo.

Características culturais como o nomadismo são utilizados para reforçar a ideia de que os ciganos vagam pelo mundo como castigo dado por Deus, pois teriam sido os ciganos os fabricantes dos pregos que crucificaram Jesus. Na Idade Média, em algumas localidades, a diversão e o riso eram condenados como manifestações demoníacas que afetavam o homem dos princípios religiosos, paralelamente, haviam uma série de lendas que reforçavam o distanciamento dos ciganos dos não ciganos, a partir dessas criações e mitos, a população cigana esteve associada ao estigma do preconceito.

São poucos os documentos para o estudo dos ciganos no Brasil e da Paraíba. Segundo um estudo feito por Rodrigo Correia Teixeira, “*História dos ciganos no Brasil*”:

A documentação sobre os ciganos é escassa e dispersa. Sendo ágrafos, os ciganos não deixam registros escritos. Assim, raramente aparecendo nos documentos, aproximando-nos deles indiretamente, através de mediadores, chefes de policias, clérigos e viajantes, por exemplo. Nestes testemunhos, a informação sobre os ciganos é dada por intermédio de um olhar hostil, constrangedor e estrangeiro.

Compreendemos tratar-se de um complexo campo de estudo, todavia ressaltamos a necessidade de pesquisa sobre a história e a cultura cigana no Brasil e na Paraíba.

Um mundo complexo e de diversidades de costumes e tradições que nos influenciam a pesquisar e entender de perto esse mundo, que apesar de ser um povo alegre, unido e sempre disposto a se ajudar, passam por tantos obstáculos na vida, são vítimas de um preconceito excludente que afastam essa rica cultura da nossa.

Através da memória desse povo, perpassada pelo tempo vigente, em que vivem às margens da sociedade, é preciso entender que a identidade pode ser desenvolvida no plano das ações ou das narrativas, isto é,

Há um exercício de memória que se relaciona com a necessidade de distinção frente a sociedade envolvente, onde as concepções de tempo (passado/presente) e espaço (viagens/moradias) são fundantes, num exercício de auto definição de sua identidade coletiva. A memória é construída de acordo com os grupos sociais de referência, sendo, portanto, um trabalho dos sujeitos em sociedade (HALBWACHS, 1990).

No que diz respeito à memória, as lembranças resistem “às transformações e se articulam a novas referências, sem deixar de existir” (ABRANTES, 2016).

Primeiro busca-se compreender a realidade cultural das comunidades ciganas, o suficiente para nos permitir entender as ligações que apontam para a coesão entre os bastidores do cotidiano das comunidades e os nossos elementos centrais de análise, e a partir disso entender a realidade delas no contexto social na cidade de Sousa.

Ao longo do tempo, observamos que os ciganos foram vítimas das mais violentas e cruéis perseguições. Um grande exemplo disso tiramos dos acontecidos na Alemanha nazista, quando milhares de pessoas pertencentes a esse grupo foram presas e assassinadas pelo regime de Adolf Hitler. No entanto, para além desses acontecimentos cruéis na Alemanha, isso ocorreu também desde os tempos da Europa Moderna.

Na verdade, hoje vemos um povo calmo e tranquilo, apesar dos preconceitos sofridos. Os povos ciganos “viviam uma vida errante” e os exotismos reforçavam o repúdio, e devemos também levar em conta que a postura do povo cigano alimentava tais ideias. Portadores de tradições, costumes e uma língua própria (conhecida como romani ou romanês), os ciganos desaprovam qualquer tipo de envolvimento íntimo entre um cigano e um não cigano, em algumas situações (segundo relatos dos próprios ciganos) o contato com estrangeiros resultava em expulsão do grupo, sob acusação de traição.

Para tanto, esse preconceito que existe para com os ciganos, não só em Sousa, como no mundo inteiro, é proveniente de exclusões constantes. Os ciganos veem portas se fecharem diariamente, mesmo com o passar dos anos e do mito de que ciganos são “ladrões e arruaceiros” estar desaparecendo, é muito forte a presença do preconceito. As portas de emprego se fecham, mesmo sendo capacitados, alguns dizem: “se eu e você chegarmos numa loja, e você entregar seu currículo, e eu entregar o meu, mesmo eu sendo mais qualificada que você, eles logo vão escolher você”. São preconceitos desse tipo e outros mais fortes que os ciganos de Sousa enfrentam dia após dia, muitos são formados e bem qualificados, mas não conseguem um emprego digno onde possam exercer sua profissão, por conta do preconceito contra a sua etnia.

Um mundo difícil para os ciganos: o homem que não consegue um bom emprego; a mulher que é marginalizada por ser mulher e por ser cigana.... Apesar disso, Abrantes (2006) afirma que:

Mesmo sendo o preconceito ainda principal fator que, durante séculos, lhes relegou como espaço as bordas da sociedade majoritária, o predomínio do bom relacionamento entre os jovens ciganos e não ciganos nas salas de aula, as relações sociais saudáveis que surgem do comércio e do entretenimento, a participação ativa de membros da comunidade em movimentos por direitos de cidadania e a proximidade entre ciganos e instituições pró-ciganas são evidências que fazem perspectivas reais de melhorias futuras nas relações interétnicas no município de Sousa-PB.

Com isso, pode-se afirmar que os traços culturais, ou seja, os marcadores que asseguram essas fronteiras podem mudar ao longo do tempo, isso envolve processos de exclusão e incorporação de elementos culturais, sociais e conseqüentemente processos de interação vividos pelos atores étnicos. Além disso, a manutenção das fronteiras, o contato interétnico torna-se essencial, uma vez que as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre as etnias (ABRANTES, 2006).

É necessário afirmar que, com o contato, as vivências sociais entre ciganos e não ciganos em Sousa tem favorecido o progresso das comunidades, com isso tem diminuído o estado de dependência do ser humano, ampliando a capacidade dos mesmos em exercer o exercício do direito à liberdade, de fazer e ser o que quiser ser, como por exemplo a abertura dos recursos digitais, celulares, computadores,

principalmente entre os jovens ciganos, que estão abertos a relações com os não ciganos, tanto no convívio social quanto nas redes sociais.

Apesar desses avanços não representarem ainda o tom dominante dessa relação, podem ser compreendidos como um progresso de convívio interétnico resultante de mais de 30 anos de interação social entre as culturas, todavia ainda distante das perspectivas de convívio igualitário entre as partes (ABRANTES, 2006).

Portanto, pretendemos contribuir para o campo historiográfico, e também social e cultural. Entendemos ser relevante a problemática de perceber como as mulheres ciganas dessa comunidade enfrentam os dias atuais, em função das transformações da sociedade, percebendo quais modificações são, ou foram por elas feitas. No que diz respeito a sua cultura, como agem e o que pensam, como se representam e como lidam com as representações que a sociedade tem sobre elas.

Assim, nos utilizamos das ideias de Roger Chartier, elaboradas sobre a representação enquanto instrumento teórico-metodológico capaz de apreender um campo histórico particular a internalização simbólica e de significação das lutas pelo poder e dominação entre os grupos, ou entre indivíduos e grupos em convívio social a partir de relações externas objetivadas em representações dos mesmos, que existem independentemente das consciências e vontades individuais, e que se produziram dentro de determinado campo social (CHARTIER apud PACHECO, 2005, p. 4).

A fim de tratar aqui a cultura cigana da comunidade Calon de Sousa sob a perspectiva da mulher cigana, foram realizadas visitas a comunidade e entrevistas com um conjunto de mulheres, nossa principal fonte de informação. Nesse contato, as mulheres ciganas puderam nos contar sobre suas histórias de vida, sobre suas lembranças de antigamente, nos mostraram suas representações sobre a cultura, como elas veem e como gostariam que fosse sua realidade.

Como sabemos, com o passar dos anos muitos dos costumes ciganos podem ter sido esquecidos, e nem tudo das tradições é seguido atualmente, todavia, no capítulo que segue visamos contar, através das falas e narrativas dessas mulheres Calon, o que ainda tem de cultura cigana, seus costumes, suas tradições, as tensões e os preconceitos.

### CAPÍTULO III

## HISTÓRIAS DE TENSÃO, TRADIÇÃO E PRECONCEITO NA VIDA E NO COTIDIANO DA MULHER CIGANA DA COMUNIDADE CALON SOUSA-PB

**FIGURA 02:** mulheres ciganas da comunidade Calon de Sousa-PB.



**FONTE:** registro fotográfico de nossa autoria, com permissão das participantes da pesquisa.

Como já indicamos nos capítulos anteriores, a história dos ciganos, que hoje são cerca de 12 milhões espalhados pelo mundo inteiro, não é tão colorida quanto eles: teve diáspora, perseguição, escravidão e genocídio. Os ciganos – termo genérico para designar grupos que se autodenominam Rom, Calon e Sinti, entre outros – podem ser encontrados em várias partes do mundo, divididos em culturas, religiões e línguas diferentes. Alguns têm o dialeto, a profissão ou apenas a opção pela vida itinerante. O que todos os cerca de 12 milhões espalhados pelos cinco continentes têm em comum é uma longa história pautada pelo preconceito. Que continua ainda hoje.

Assim, qualquer estudo ou pesquisa da história e da cultura dos ciganos que se faça deve destacar e considerar o fato de que se trata, também, de uma história de vidas marcadas pelo preconceito e desconfiança mantida pelas sociedades no geral.

Pretendemos fazer aqui uma história social e cultural. Uma história que enxergue para além dos sujeitos e agências que produzem a cultura, mas os meios através dos quais esta se produz e se transmite: as práticas e os processos. Por fim, a matéria-prima cultural propriamente: as “visões de mundo”, os sistemas de valores, os sistemas normativos que constroem os indivíduos, os modos de vida relacionados aos vários grupos sociais, as concepções relativas a estes vários grupos sociais, as ideias disseminadas através de correntes e movimentos de diversos tipos (BARROS, 2003).

Alguns pesquisadores acreditam que a origem do preconceito contra as comunidades ciganas esteja relacionada com as profissões com as quais eles historicamente ganhavam a vida. Os ciganos lidam basicamente com três ramos de ocupação nada bem vistos desde a Idade Média até os dias atuais. Eles estão associados ao campo da “diversão”, como músicos, dançarinos e adivinhos, ao campo da “morte”, como açougueiros, e ao campo da “sujeira”, como ferreiros. Várias lendas populares fizeram com que a desconfiança e o preconceito renassem sobre esse povo de cultura mística, mista e completamente fascinante. Uma delas, como já citadas nos capítulos anteriores, é a de que o ferreiro que fez os pregos colocados em Jesus na cruz era cigano, Jesus então teria amaldiçoado todos os ciganos com uma vida de vagância. Aliás, é o nomadismo o fator apontado como o principal motivo da desconfiança que vários povos alimentaram contra eles. Assim nascendo o preconceito que perdura até hoje, fazendo com que os ciganos vivam tão misteriosamente longe de nós.

Nesse capítulo abordaremos parte dessa história cigana e, mais especificamente, parte da história das vivências das mulheres ciganas, contadas através de suas memórias, de suas histórias de vida na comunidade, e os obstáculos enfrentados no dia a dia como mulher cigana.

Como mencionamos antes, a comunidade cigana de Sousa soma aproximadamente 600 pessoas divididas em ao menos três núcleos populacionais distintos. Dois deles, conhecidos como *Rancho de Cima* e *Rancho de Baixo*, situam-se cerca de três quilômetros do centro da cidade, enquanto que um terceiro, de constituição mais recente, encontra-se a aproximadamente um quilômetro destes.

Cada um dos agrupamentos é encabeçado por um *presidente*, que é responsável pela resolução de conflitos internos e representação da comunidade junto às autoridades municipais. A sociedade é profundamente patriarcal, sendo os chefes de família responsáveis pela organização da vida pública, enquanto que às mulheres é reservada a vida doméstica.

Em muitos casos, a entrevista da história oral nos acena com a chance, ou a ilusão, de suspendermos, um pouco que seja, a impossibilidade de assistir a um filme contínuo do passado, quando isso acontece é porque nela encontramos a “vivacidade” do passado, a possibilidade de revivê-lo pela experiência do entrevistado. Não é a toa que a isso muitos dão o nome de história (ou memória) viva (ALBERTI, 2004).

Começamos com uma imagem certamente familiar a muitas pessoas: se quiséssemos fazer um filme reproduzindo passo a passo nossa vida, tal qual ela foi, sem deixar de lado os detalhes, gastaríamos ainda uma vida inteira para assisti-lo: repetir-se-iam, na tela, os anos, os dias, as horas de nossa vida. Ou seja, é impossível assistir ao que se passou, seguindo continuidade do vivido, dos eventos e das emoções. E o que vale para nossas vidas vale evidentemente para o passado de uma forma geral: é impossível reproduzi-lo em todos os meandros e acontecimentos os mais banais, tal qual realmente aconteceu (ALBERTI, 2004).

É com base nessas “memórias vivas” que dialogamos com mulheres que vivem nessa comunidade, mulheres diferentes, com histórias de vida diferentes e pensamentos diferentes com relação a vida cigana, e através de suas falas extraímos relatos de suas histórias, sobretudo a partir de uma questão norteadora de nossas conversas: como é ser uma mulher cigana nos dias atuais? É para as mulheres que essa pesquisa se faz, nos aproximando dos seus “contos”, de suas falas, de suas representações de si e dos outros, enfim, de sua cultura, seus costumes e tradições.

Como metodologia de pesquisa realizamos um conjunto de entrevistas realizadas durante três dias de conversação e visitas feitas aos ranchos. No primeiro dia ficamos entre os dois ranchos, numa casa de oração católica onde eles denominaram de “Sede Pastoral dos Nômades”, onde as mulheres, em seus cotidianos, se encontram para rezarem. No segundo e terceiro dia fomos para o Rancho de Cima, onde realizamos o restante das entrevistas. A pesquisa teve o consentimento através da própria comunidade de seus habitantes e contou com a observação dos mesmos.

Ouvimos sete mulheres da comunidade Calon da cidade de Sousa-PB, tendo que todas consentiram em participar da pesquisa assinando um Termo de Consentimento Livre Esclarecimento, que elaboramos para tal finalidade. Assim, através de suas lembranças e vivências, elaboramos este capítulo pelo “ouvir contar” dessas mulheres.

### 3.1 FILHAS DO SOL: A VIDA DE UMA MULHER CIGANA

Dona Augusta, 47 anos, viúva, vive na comunidade desde os 17 anos de idade, quando chegou para morar em Sousa-PB, naquela “parada para morar” de 1982. Ela relembra com carinho e saudade a vida de cigana que tinha antigamente. Fala ainda dos sofrimentos e alegrias de seguirem as tradições, e que hoje infelizmente não se seguem mais:

*Eu preferia minha vida de antigamente. Tem gente que diz “mais vocês sofria mais”... eu sei, a gente sofria mais, mas ali é onde tava nossa felicidade, nossa tradição que Deus deixou pra nós, foi só ali, foi a vida de sofrimento... mas hoje em dia perdeu, a gente foi morar, perdeu a tradição. Que agora hoje, que cada um quer ser o que é mesmo, não quer mais o que Deus deixou pra gente. Aí eu digo a você, que eu preferia tá sofrendo como eu era, do que o que eu tenho hoje em dia, eu preferia minha vida de antigamente, porque eu sofria, mas era um sofrimento com felicidade. Você sofria, hoje, aí amanhã já tinha otas coisa que deixava feliz (sic) (MARIA AUGUSTA, 2017).*

*Felicidade e alegria* definem a vida de cigana nas suas palavras. Podemos acrescentar que as mulheres da comunidade cigana Calon sentem orgulho de serem quem são, apesar dos desafios que enfrentam dia após dia. É o que nos conta Cícera Romão, 27 anos, solteira, residente na comunidade desde seu nascimento:

*Pra mim ser uma mulher cigana é um orgulho, mas ao mesmo tempo a gente carrega em si o preconceito, além de ser mulher, o preconceito em si de ser cigana, de carregar a história de nossos antepassados em nós, porque é a mulher cigana, antes de tudo, ela é quem carrega a casa, a família, porque ela é quem ajuda os filhos, o esposo, ela é quem faz tudo, ela faz comida, o que o marido precisa ela ajuda, ela é esperta, ela segura a tradição, ela passa a tradição pra frente... É em tudo, é no respeito, isso é ser uma mulher cigana (sic). (CÍCERA ROMÃO NEVES, 2017).*

Uma mulher cigana é, conforme as palavras de Cícera Romão, uma peça importante na preservação da tradição: “*ela segura a tradição, ela passa a tradição pra frente*”. A mesma nos conta como vivem as tradições e costumes hoje em dia:

*O que a gente faz é o básico de uma mulher de casa, que hoje em dia a gente não tem mais o costume de antigamente que era a dança, era os corte de roupa, porque entre nós mesmo era que nós fazia nossas vestimentas, aí hoje em dia o costume da gente é só tomar de conta de casa, ter responsabilidade do lar, cuidar de filho, hoje em dia é o costume que nós temos, porque antigamente o costume era muito diferente, porque a gente saía pra ler mão, os mais velhos. As filhas mais novas ficava pra tomar de conta de casa, pra fazer almoço pros pais, pros irmãos que saía pra trocar, pra fazer troca, compra, antigamente. Hoje em dia é diferente, os costume são outros (sic) (CÍCERA ROMÃO NEVES, 2017).*

Todavia, como falam, os costumes e tradições dos ciganos Calon estão mudados ou se perdendo a cada dia que passa, seja pelos desgastes dos costumes e a falta de interesse dos órgãos governamentais em não lutar para manter viva essa rica cultura, seja pela falta de interesse dos próprios ciganos, que acabam deixando um pouco de lado aquela antiga cultura. “O mesmo se passa com o indivíduo como valor. Ambos são totalizados, fixam sínteses e sentidos” (ALBERTI, 2004).

Assim nos relembra e reforça Dona Augusta:

*Era bom demais! Porque assim, era fazer roupa, costurar, fazer crochê, ler mão, se curar com chá de mato, respeitar as pessoas mais velhas, eu achava muito bonita essa cultura, porque eles tinha respeito pelas pessoa, eles acolhiam bem as pessoa, eles se davam bem com as pessoa, com todo mundo... Das festas que eles faziam que era uma coisa muito bonita no meio da gente, pra gente era uma coisa muito bonita aquelas festa que existia no meio dos cigano, que era uma tradição bonita. Hoje existe ainda as festa, mais num era como era antes não, mas existe... uma comparação, os cigano tinha dez barraquinha aqui, se um cigano matasse um porco, um bicho de sangue assim, um bode, pra cada um ia um pedacim daquele bicho. Se um botasse comer no fogo e o outro não tivesse eles chamavam aqueles que não tinha e partia aquilo, seria pra tudo... se um morresse, um da família, aí eles num ficava com nada, aquele da família dava fim tudo, aí os outro chegava e cada um ajudava com alguma aquelas pessoas. Eu achava bonito isso, porque era uma coisa, eu acho que era o amor que a gente tinha um pelo outro. Que Deus já deixou aquilo pra gente. Deus amava tanto a gente, que daquilo a gente... de uma troca, de um animal, dum lido de mão, a gente fazia festa, era alegre, dava pra todo mundo aquele pouquinho que a gente tinha... que a gente tinha a união de um a outro, pra essas*

*criança, esses jovens não se perder. Tendo amor pelo próximo, como a gente tinha antes, eu oro muito a Deus pra não se perder a tradição que tinha que hoje em dia também, a maioria tá se perdendo também porque a maioria é de uma religião o outro é de outra, aí intriga, num tem? (sic) (MARIA AUGUSTA, 2017).*

Definir a identidade cigana é bem mais difícil do que parece. Subdivididos em 3 principais etnias (rom, calon e sinti), eles não constituem um povo homogêneo. Nem todos são nômades. Nem todos falam romani. Nem todos dançam ao redor de fogueiras ou usam roupas coloridas. Podem ser pobres ou ricos. Podem ser cristãos, muçulmanos, judeus. O que faz deles um povo é uma sensação comum de não serem gadgés – como eles chamam os não ciganos – e de se identificarem como rom, calon ou sinti.

Mas mesmo sabendo dessa diversidade cultural entre eles, o que os define? Essa foi uma indagação que fizemos quando das entrevistas. Ao ser questionada sobre quem são os ciganos, uma delas nos responde da seguinte forma:

*Os ciganos é aqueles que pratica a tradição sempre, que num foge da luta, que não nega seu sangue, não nega sua tradição, não quer evitar de ser cigano, não quer, dizer assim, porque tem alguma coisa, dizer, querer se afastar, porque se afasta mais né. Porque o cigano legítimo mesmo eu acho é esse que mantém as tradições mesmo dele, que não quer perder a cultura, pra mim esse é o cigano legítimo, nunca quer perder a tradição dele, nunca quer perder aquele ritmo de cigano mesmo. Porque tem muitos que eu vejo aí nas televisão, que ainda vejo, era do mesmo jeito que a gente vivia antes, não mudou a tradição deles. Aí eu acho bonito, quando eu vejo um cigano assim, eu fico muito feliz quando eu vejo isso. Aqueles ciganos de antes, que tinha aquela coisa bonita mesmo.*

*Se tu visse, cigano era uma coisa. Cigano podia tá na maior precisão do mundo e não via tristeza, era tudo alegre, você dizia assim: eles são alegres demais pra viver num sofrimento desses. Muitas vezes Salomão (ex-prefeito de Sousa) veio ali, nos já morava, Salomão disse “meu Deus, como é que vocês estão nessa pobreza e são tão feliz desse jeito?”, ele chorou o dia todinho quando viu a gente lá, brincando, porque a gente tinha aquela alegria de ser. Pra mim o cigano legítimo é esse, que não quer deixar a tradição dele morrer (sic) (MARIA AUGUSTA, 2017).*

Embora consciente das mudanças, as ciganas têm consciência de que pertencem e são de uma cultura diferente marcada por um conjunto de tradições que são também distintas. O universo cigano é tão antigo e extenso, tão cheio de crenças e histórias que nem mesmo seu próprio povo conhece bem o limite entre verdade e lenda. É que o nome “cigano” designa muitos povos espalhados por quase todas as regiões do mundo.

Povos com diferentes cores, crenças, religiões, costumes, rituais. Essa dificuldade de conhecimento de suas origens é atestada nas falas das entrevistadas:

*O povo diz que os ciganos vem da Índia, outros diz que veio do Egito, nós num sabe mesmo a tradição. Os Calon, até mesmo no meu tempo que nós conhece foi surgindo daqui mesmo na Paraíba, dos sertão aqui, na Paraíba, do Rio Grande, Ceará, Pernambuco, aí a gente veio andando, a gente andava mais pros lado da Paraíba, pro nordeste mesmo, o nosso grupo mesmo era mais aqui na Paraíba. Quando nós viemos para aqui foi em 82 os primeiros, de Pedro Maia, aí depois, 84 veio outros que era Chico Abrantes, era outro chefe, aí misturou. Aí depois, em 85, veio seu Vicente, era 4 chefe, era Pedro Maia, Seu Vicente, Seu Chico e o Raimundo Nonato, véio preto como era chamado, e já faleceram todos, e no lugar de Pedro Maia ficou o coronel, no lugar de Vicente ficou o Manin, aí o de preto ficou o Herladio, só não ficou substituto o tio Chico (sic) (ANTONIA AUGUSTA, 2017).*

Vemos, no entanto, a dificuldade que a mesma encontra em identificar a sua própria origem. Apesar disso, é aceso o desejo de “voltar aos tempos antigos” e viverem o que para eles parece ser uma questão de identidade, ou seja, sua cultura, o modo como viviam, nas andanças pelo mundo, se conhecendo e se identificando como verdadeiros ciganos.

Na comunidade cigana em Sousa, há o Rancho de Cima, no qual habita o grupo do chefe Pedro Maia, hoje conduzido por seu filho e chefe Coronel e algumas outras famílias independentes ou ligadas a algum dos grupos do outro rancho; e o Rancho de Baixo, composto pelos grupos de Eládio, Vicente e Ronaldo Carlos. O espaço que engloba os dois Ranchos, bem como a “várzea”, ficou de moradia mista entre ciganos e não ciganos (MOONEN, 2011).

É em torno da família que uma comunidade cigana se organiza. Há um líder, sempre um homem, nomeado por mérito e não por herança. Ele é escolhido levando em conta vários aspectos. Um deles, importantíssimo para conseguir alugar um terreno, montar um circo ou participar de feiras, é ter um documento de identidade, o que se tornou um verdadeiro desafio – o cigano não consegue registrar o nascimento dos filhos porque não possui documentos próprios, em um processo sem fim. Também deve ser um bom interlocutor entre o poder público e seu grupo, além de ter habilidade para resolver os problemas internos do acampamento. É ele quem dita as regras, divide as tarefas, cria as leis do grupo.

A fragilização do sistema de subsistência tradicional, tendo gerado o fim do nomadismo, encontra na cidadania nacional e na educação formal os meios imprescindíveis para a proteção dos ciganos e a elevação do seu status nas relações interétnicas com a sociedade majoritária. O chefe detém grande força simbólica. Exerce o mesmo papel tradicional para os desempregados e para os mais velhos, mas desempenha papel mais simbólico para os jovens. Culturalmente, todos os valores voltam-se mais para as formas do passado nômade (ABRANTES, 2016).

Apesar de todas as divergências, algumas características permitem traçar um perfil comum a esses grupos. A primeira delas é o espírito viajante. Ainda que nem todos sejam nômades, os ciganos não se sentem pertencentes a um único lugar. Não criam raízes, não têm uma noção concreta de propriedade, estão sempre fazendo negócios com seus pertences, preferencialmente em ouro, que não perde valor e é aceito em qualquer nação (por isso a imagem cigana é vinculada ao uso do ouro ou prata. No caso dos Calon de Sousa, como adereço, especialmente nos dentes das mulheres e homens). Eles não gostam de se submeter a leis e a regras que não sejam as deles. Prezam, acima de tudo, a liberdade.

*Antigamente tudo tinha que passar pelo chefe, mas hoje não, esses agora não porque quase as pessoas não querem obedecer, mas tem muitos que quando vai fazer, diz “não, vamos perguntar ao Coronel ou a Manin se tá certo ou errado”. Mas não é todos porque muitos estão se perdendo, mas alguns que ainda tem respeito ainda vai e pergunta se dá certo fazer isso, aí se disser que não pode aí eles não fazem. Tem muitos que ainda tem esse respeito mas tem muitos que tão perdendo mais, num sabe mais o que é isso, respeito. Antigamente não, principalmente as crianças, nesse tempo nós era criança, se a gente fizesse alguma coisa errada, aí dizia “ah eu vou dizer ao chefe”, aí a gente “num diga, tia, que ele vai reclamar eu”. Aí a gente já tinha medo de fazer uma coisa errada, tinha mais medo do que do próprio pai e mãe. Porque os pai e as mãe já passava ordem se o chefe falar ali, vocês tem que obedecer, a gente já obedecia, assim, tradição de criança, pular um arame de uma cerca pra brincar, roubar uma galinha, jogar uma pedra na casa dos povos, aí o chefe chegava e falava com os dono e dizia que ia pagar. Mas primeiro dava uma bronca na gente. Aí dizia “as criança vinha com fome, mas eu vou lhe pagar, é quanto?”... entrava dentro de roça pra pegar girmun, milho, a gente passava de comboio, os animais entrava nas roça, aí os donos gritavam (sic) (Maria Augusta, 2017).*

Quando estamos empregando a História Cultural como um dos enfoques possíveis para o historiador que se depara com uma realidade social a ser decifrada do campo da cultura e da mentalidade, como é o caso das falas aqui analisadas, utilizamos em algumas ocasiões a expressão empregada no singular como ordenadora desta dimensão complexa da vida humana. Todavia, trata-se, no entanto, de uma dimensão múltipla, plural, complexa, e que pode gerar diversas aproximações diferenciadas como sugere (BARROS, 2003).

A questão cultural a ser decifrada na pesquisa tem seus relatos dados pelas experiências vividas da própria ação cultural do homem no tempo. No caso dos ciganos, aquilo que simboliza e mostra sua identidade: a tradição. Como podemos ler nas falas das ciganas, a noção de tradução está presente e constrói qualquer fala ou narrativa da sua história e da relação passado-presente. Falam de como eram, o que faziam, sempre na perspectiva da perda.

No campo das representações sobre os ciganos, são vistos por muitos como ladrões, rudes, cheios de mistério. São, pois, representações criadas pela própria situação e comportamento dos mesmos na sociedade, vem da ação que a sua própria cultura impôs sobre eles, como nos fala uma cigana:

*Quando nós saía de comboio, que ia passando pelas estrada, pelas casa, que nós via uma roupa bonita no varal, e nós pegava aquela roupa, mas não deixava o chefe saber não, isso quando criança, aí nossa mãe dizia “de onde veio essa roupa?” Aí nós dizia de onde, foi de um varal na estrada, lá atrás, aí ela dizia “se o chefe souber você vai apanhar”. Aí nós dizia “não, mãe”, aí nós pegava aquela roupa, mas nem vestir num vestia, enterrava na areia, que era pra o chefe não saber.*

*Sabe, tinha também a tradição muito bonita que eu queria que tivesse deixado pra gente hoje em dia, era de cortar, de fazer roupa sabe, de costurar, que os mais velhos faziam. Apesar de tudo nós tinha uma vida muito boa. Nós tinha umas irmãs que fazia os vestido e empendurava um cordão bem grande cheio de vestido pendurado em época de natal e ano novo, vestido longo, cheio de fita, de bico, elas fazia, e cada ca que tirava o seu, era fazendo, cortando e empidurando, num dava tempo nem pendurar (sic) (ANTÔNIA AUGUSTA, 2017).*

Como já mencionamos anteriormente, a mulher cigana ocupa o espaço da rua, ela se apresenta com seus trajes cheios de bico e fitas, como diz na fala acima, seus

costumes e suas tradições de advinhas da sorte dos outros e principalmente das outras mulheres. Podemos dizer pois que a mulher cigana ameaça e “perturba” a ordem social.

O que percebemos em determinadas falas até aqui são as lembranças acompanhadas da saudade de um tempo em que se sentiam ciganos de verdade, que seguiam as tradições e seus costumes. A história dos ciganos é toda baseada em suposições, e a razão é simples: faltam documentos. Os ciganos são um povo sem escrita. Eles nunca deixaram nenhum registro que pudesse explicar suas origens e seus costumes. Suas tradições são transmitidas oralmente, e cada um sabe o seu lugar de origem.

O idioma por exemplo, o romani, é uma língua ágrafa, ou seja, uma língua ou idioma sem forma escrita. Portanto, para sua perpetuação, o romani conta somente com a transmissão oral de uma geração para outra, de pai para filho. Não existem livros ensinando uma linguagem, que não tem sequer uma apresentação gráfica definida, pois se os ciganos tivessem se originado na Índia teríamos os caracteres sânscritos, mas como encontramos ciganos em quase todas as partes do mundo, o romani poderia ter os caracteres da escrita russa, ou egípcia, latina, grega, árabe ou outra qualquer. Assim como o idioma, todos os demais ensinamentos e conhecimentos da cultura e tradição ciganas dependem exclusivamente da transmissão oral. Os mais velhos ensinam aos mais jovens e às crianças os conhecimentos do passado, o pensamento e a maneira de viver herdados dos ancestrais.

*Quem andava nas rua era as mais velhas, que iam ler mão, cortar um baralho, pedir, porque era tradição da gente, a gente não tinha emprego, aí vivia de ler mão, de trocar animal, uma forma de sobrevivência pra gente, trocava de tudo, cordão, relógio, animal. Tinha gente que eu acho que era um dom mesmo que Deus dava aquelas pessoa, que dizia uma coisa pra você e orava, aí dali você alcançava aquela graça, aí você por ter alcançado aquilo, aí você dizia “não eu vou pagar por ter alcançado essa graça”, aí você já ajudava com aquela coisa. Dava dinheiro, cordão de ouro, dava duas ou três galinhas, dava cuia de feijão. Realmente é um dom que Deus deixou pra essa prática de ler mão, porque o que elas dizia dava certo. E por isso era recompensado. Era lindo demais. Nas épocas de festa, os ciganos fazia uma roda e dançava ao som do violão e das cantigas. Você achava que tinha som como tem hoje em dia? Tinha não, era tudo nos violão e nos dançava muito (sic) (ANTÔNIA AUGUSTA, 2017).*

Cantar e tocar — as ocupações dos homens. Para as mulheres, costurar, dançar, ler mãos. Eram essas as profissões mais frequentes. Um meio de sobrevivência, que segundo dona Antônia Augusta, “*era um dom mesmo que Deus dava aquelas pessoa, que dizia uma coisa pra você e orava, aí dali você alcançava aquela graça [...]*” (sic). Também aos homens se destinava as atividades ligadas ao comércio e as ligadas às artes, principalmente à música. Cantores, compositores, músicos, dançarinos, surgem com suas melodias, passos marcantes de dança, como a flamenca da Espanha, trazendo alegria e energia contagiantes para os recintos onde se apresentam. Ao longo do tempo fizeram e ainda fazem parte de trupes circenses, uma vez que o mundo do circo, sempre mudando de lugar, combina perfeitamente com o pensamento e sentimento ciganos.

A leitura de cartas e das mãos pelas mulheres ciganas também rende dinheiro, porém essa atividade não é considerada uma atividade profissional, mas um ato de devoção à fé cigana: uma tradição, como reforça a cigana Augusta:

*As mulheres ciganas mais velhas pregavam mais essa tradição, elas diziam “eu vou botar você nas minhas oração”, e andavam sempre com um rosário no pescoço, elas diziam “vou fazer minha oração e confiando em Deus você vai vencer isso”. Aí elas ficavam orando por você, toda noite elas iam e orava, até você alcançar sua graça. Às vezes dava certo, às vezes não, mas sempre tinha gente que ajudava, que dava alguma coisa pra agradecer (sic) (ANTÔNIA AUGUSTA, 2017).*

Essa fé vem mudando no decorrer do tempo. A religião está dividida e cada um escolhe qual caminho seguir, enfatiza outra cigana, Rita de Cassia Pereira, de 25 anos, casada:

*A religião cigana está muito dividida hoje em dia, antigamente a religião cigana ela partia muito pro catolicismo, tinha muito cigano que era muito católico, tinha muita fé em santo. Hoje já é dividida, tem uns que são católicos e outros que são evangélicos, a minha, eu sou crente, a minha religião é evangélica, eu frequento a Congregação Cristã do Brasil. Hoje em dia, cada um tem sua fé, hoje em dia é muito dividida a religião cigana (sic) (RITA DE CÁSSIA PEREIRA, 2017).*

Pelas falas das ciganas acima reproduzidas parece ser possível deduzirmos que o fim da tradição da leitura de mãos é atribuído a divisão da religião, já que o ato de fé católica era motivo do sucesso da prática. Ciganos mais velhos veem essas mudanças

como resultantes, primeiramente, da vida em moradia fixa, causa do aumento de matrimônios entre ciganos e não ciganos e, por isso, da mistura de valores culturais, a exemplo da mistura de religiões de que falamos acima.

Quando indagados sobre o que pensam da vida nômade, respondem que são mais felizes, vivem com mais liberdade e com mais facilidades, mas há aqueles que preferiam a vida sedentária, que a vida nômade é pior que a vida num lugar fixo.

Na comunidade cigana predominam regras de convivência e conduta comuns a todos, contudo, devido ao grande número de pessoas, naturalmente há peculiaridades de temperamento e comportamento que podem gerar transgressões dessas regras por parte de um ou outro indivíduo:

*Olha, a convivência com todo mundo, com os que não são ciganos, pra mim é coisa normal, pra mim eles não são diferentes dos ciganos, assim, por exemplo: se for um cigano que já esteja no nosso meio, quer dizer, uma pessoa que é casado com um cigano sabe, pra mim é igual cigano, ele se torna verdadeiramente um cigano, mas assim, outras pessoas que eu conheço, colegas de escola, pessoas da rua, mesmo que não sejam meus amigos, aí não, eu já trato de outra maneira, porque eu falo como cigana nos rancho dos ciganos, e eu falo, eu tento falar a língua deles também pra que eles possam me entender mais. Também trato com respeito, do mesmo jeito que trato os meus pais, com respeito, eu tenho que tratar essas pessoas também com respeito, porque não são como animais, não são pessoas diferentes de mim não, elas têm defeitos, qualidades como eu né, tem todos os direitos como eu, e deveres na sociedade (sic) (CÍCERA AUGUSTA, 26 ANOS, SOLTEIRA, 2017).*

No convívio entre ciganos tratam-se iguais, diz a cigana Cícera, já para como os demais os não ciganos prevalecem o respeito e tratamento como cidadãos com direitos iguais. Em sua fala deixa transparecer o respeito e obediência aos pais, aos mais velhos: “trato com respeito, do mesmo jeito que trato os meus pais, com respeito”.

A sociedade cigana é patriarcal. Ao se casar, o homem vira o responsável pelo sustento do lar. A mulher passa a morar com a família do marido e deve cuidar dele, dos sogros, da casa e dos filhos. Isso costuma acontecer cedo, ainda na adolescência: logo após a primeira menstruação, a menina já é considerada apta para casar e ter filhos.

*Pra mim, nós as mulheres não temos muitos direitos, nós somos mais privadas do que os homens. Os homens eles são liberados pra tudo, as mães liberam eles pra tudo, pra namorar, pra ir pras festas, pra sair*

*com quem eles quiser. Nós mulheres não, temos que ficar em casa, respeitar pai e mãe. Não só assim em modo de falar e de agir não. Por exemplo: o casamento tem que ser virgem, a gente tem que casar virgem, porque se a gente não casar virgem seria uma vergonha para nossos pais. E os homens não, não precisam ser virgens, num é? Pra mim, isso não tem lógica, se era pra um tem que ser pro outro também. Mas assim, pra mim eu gosto muito da minha cultura, assim... eu não tenho nada pra reclamar não, mas assim, que tem isso tem, que nós mulheres não temos muita liberdade. Mas eu não me importo com isso não, já me acostumei com isso mesmo, desde criança é assim, é a cultura né, a tradição (sic) (CÍCERA AUGUSTA, 2017).*

Como tradição, a noiva deve ser virgem. Tradicionalmente, sua pureza é comprovada em um dos rituais da longa festa de casamento, em que o lençol da noite de núpcias é exibido para toda a comunidade. Antigamente, os pais do noivo deviam pagar um dote à família da moça, mas esse hábito já não existe mais na maior parte dos acampamentos (MARSIGLIA, 2003).

No entanto, hoje em dia existe uma flexibilidade maior em ouvir os noivos, saber se os mesmos estão de acordo ou não, prática esta que se coloca em desacordo com a cultura raiz, na qual os casamentos eram somente arranjados pelos pais e o que consideravam ideal para os interesses da família. Todavia, na fala acima, a cigana Cícera diz não encarar a tradição de matrimônio dos ciganos como uma obrigação, não se incomoda, enxerga naturalmente como parte dos costumes e da tradição cultural.

Na vida e no cotidiano cigano, enquanto o homem representa o esteio e o braço forte da família, a mulher significa o lado terno e de proteção espiritual dos lares ciganos. Cabe às mulheres, desde cedo, só cuidarem das tarefas do lar, tornando-o o mais aconchegante e confortável possível, seja o lar paterno, seja o seu próprio com o marido. A mulher cigana também é responsável pela manutenção da tradição, como pudemos ver no relato de uma cigana acima registrado. Mas como atestam, o que seria um papel rígido da mulher cigana também é algo do passado, um traço de uma tradição perdida:

*Hoje em dia, já existe, digamos assim, direitos e deveres pras mulheres ciganas aqui da comunidade, digo, direito de trabalhar, direito de estudar, de ter uma profissão, de ter mais liberdade do que antigamente, pra namorar, a mulher hoje se ela quiser ela pode namorar com quem ela quiser, antigamente não tinha esse direito. Hoje faz o quer, vão pras festas, namoram, ficam com quem quiser,*

*vai pra escola se quiser também. A maioria dos jovens fazem o que querem, os pais não têm mais essa proibição não, cada um faz o que quer da sua vida (sic) (MARIA DAS CHAGAS, 2017).*

Maria das Chagas, 25 anos, solteira, pedagoga formada pela Universidade Federal de Campina Grande, é a prova da perda da tradição. Uma mudança que é tida como algo positivo, sobretudo quando, ao adquirirem profissão, podem minimamente arcar com suas necessidades, como as de saúde, por exemplo:

*A saúde da mulher cigana é uma questão que está em pauta hoje, eu desejo fazer meu tcc aqui em cima, meu projeto aqui em cima, porque as mulheres ciganas elas ainda tem uma certa resistência em realizar o cuidado com a saúde, principalmente o cuidado ginecológico, o cuidado gineco-obstétrico. Um exemplo, que eu fui fazer um trabalho na outra comunidade, e eu perguntei se a mulher já tinha realizado um exame citológico, e ela disse “graças a Deus, não” como se fosse uma coisa que fosse prejudicar ela, como se fosse uma coisa que num fosse para o bem. Mas hoje quando a gente observa isso, a gente vai perguntar o porquê elas não realizam, muitas vezes é o atendimento que elas recebem, é o acolhimento do profissional, um exemplo, nos PSF o profissional deve estar capacitado a acolher a comunidade onde eles estão trabalhando, eles tem que saber, ou seja com índio ou com cigano ou não ciganos, ou com negros ou com uma comunidade mais carente, eles tem que vestir-se, que se moldar a comunidade pra atender e buscar resultados no seu objetivo, então como a gente vê que a mulher cigana tem uma certa dificuldade, deveria haver projetos, deveria haver ações, e a gente não vê, a gente só vê dificuldade, mas é uma questão que tem que ser trabalhada a saúde da mulher e principalmente a saúde do homem (sic) (CÍCERA SUÊNIA SOARES MANGUEIRA, 26 anos, casada, formada em enfermagem pela Faculdade Santa Maria).*

Como vemos na fala da cigana e enfermeira Cícera, as necessidades dos ciganos com relação a saúde deve ser a mesma de outros povos. Mas compreende que as mulheres ciganas precisam ser acolhidas levando em consideração suas diferenças culturais. Há um receio por parte das mulheres ciganas e o preconceito para com elas pode ser a causa. Assim, devem eles também se integrar na luta por atendimentos, homens e mulheres, para sua saúde.

Uma mulher cigana não se esconde ou se perde em meio a outras mulheres, pois tem seu lado feminino marcadamente atraente, colorido e sensual. Aliás, quando pensamos em ciganos, a primeira imagem que nos vem à mente é a destas mulheres vestidas com roupas longas e cheias de cor, de cabelos escuros apanhados por lenços

coloridos, muitas joias ao redor do pescoço, dos punhos e argolas de ouro penduradas nas orelhas, que gostam de cantar e dançar.

Mas além desses hábitos culturais da mulher cigana existe o dever de saber cozinhar, cuidar da casa, dançar, dirigir as cerimônias e rituais, saber ler a sorte, o que não é só motivo de alegria. Para elas recai o dever de ser de preferência bonita, ter encantos e ser dotada de atrativos. Caso ela não reúna estes elementos terá pouco valor e talvez somente case se houver algum tipo de conveniência para o pai do noivo, como ter um pai influente, rico ou com poder de liderança. Assim relata Maria das Chagas sobre a vida de uma mulher cigana:

*As mulheres hoje são mais cuidadoras das famílias, do dia-a-dia dentro da casa, aos filhos, a mulher cigana são muito apagadas aos filhos, num dia a dia, é mais pra cuidar da família, hoje em dia né, se resume mais a dedicação da família mesmo.*

*Às vezes me sinto diferente das outras mulheres, que não são ciganas, pelos direitos que elas tem e eu não, perante a sociedade, às vezes a sociedade exclui quando percebe quem a gente é. Aí fica assim, aquela mágoa ali dentro da gente, tristeza. Por que ela e eu também não? Às vezes a gente fica triste, porque eu não tenho esse direito, o que eu tenho de diferente? (sic) (MARIA DAS CHAGAS, 2017).*

Maria das Chagas fala do receio, da mágoa e da tristeza causada pela exclusão a que ainda são submetidas as mulheres ciganas e também todo o povo cigano. Situação que é justificável: desde o século XV os ciganos não encontram um ponto de partida para pôr fim de vez ao preconceito que vem excluindo e massacrando seu povo durante séculos. Até o século XIX, eles foram escravizados na região onde hoje é a Romênia. Durante a Segunda Guerra Mundial, foram perseguidos pelos nazistas, sendo, de acordo com alguns historiadores, o povo mais dizimado pelo Holocausto: do 1 milhão de ciganos que vivia na Europa, 500 mil foram assassinados. Muitos dos sobreviventes emigraram para os EUA, daí a lei que impedia sua entrada no estado de Nova Jersey, que só foi abolida nos anos 90.

Ainda que pouco reconhecido, o papel das mulheres ciganas é importantíssimo, pois desempenham um papel fundamental no processo de evolução social do povo cigano. As mulheres ciganas são o fio condutor para a evolução de toda a cultura cigana, e passa por elas a abertura da comunidade à sociedade envolvente. É essencial perceber que as mulheres educam os filhos e incentivam-nos a percorrer o caminho da

escolaridade, com objetivo de alcançar um futuro melhor, mais confortável e mais risonho. Por isso, elas lutam, com todas as suas forças, ainda que discretamente, para que as novas gerações possam vir a fruir dos instrumentos básicos de emancipação — ler, escrever, contar, utilizar os computadores, compreender a burocracia — isto é, possuir a instrução necessária para poderem integrar a sociedade enquanto cidadãos europeus.

Marcados pelo estigma da criminalidade, os ciganos sempre sofreram preconceitos na sociedade por serem considerados trapaceiros, ladrões, mentirosos, criminosos, vadios e sujos. Esta imagem foi reforçada por memorialistas e viajantes da época que descreviam os ciganos através de estereótipos, que desvalorizavam este grupo e reforçavam o processo de exclusão da sociedade, que acreditavam que o cigano era sempre “o suspeito” (ABRANTES, 2016).

A falta de estudo e a vida à margem os empurram cada vez mais para a criminalidade, o que alimenta as visões deturpadas e generalizadas que sobrevivem desde os primeiros contatos entre ciganos e europeus. Enquanto não forem compreendidos, eles se mudarão e começarão tudo de novo. Seguirão vivendo sua sina.

Os ciganos no geral, desde pequenos é aprendem sobre sua cultura, seja através da linguagem, seja nas vestimentas. O que percebemos é que hoje em dia, em se tratando de educação para os ciganos, é muito pobre, falta auxílio, falta oportunidade que gere renda para a comunidade, geração de empregos, e isso acontece devido ao preconceito constante que sofrem:

*Sobre o preconceito, a gente vê que apesar de ter diminuído muito, de ter amenizado, a gente ainda passa por situações diárias de preconceito. No meu caso na faculdade, eu já sofri preconceito no ônibus, já sofri preconceito no local de trabalho, até quando a gente tá passeando na rua, a gente recebe adjetivos pejorativos né... o triste é que apesar da gente estudar, se profissionalizar, a sociedade ainda fecha muitas portas pra gente né, eles cobram tanto que os ciganos não trabalham, que os ciganos não estudam, e quando a gente faz isso eles não abrem as portas pra gente mostrar nosso profissionalismo, mostrar nossa capacidade. Então assim, uma vez eu coloquei meu currículo num determinado laboratório da cidade, e pelo meu currículo eu fui chamada para uma entrevista, a mulher gostou da entrevista e me contratou, isso numa sexta a tarde, sendo que uma das funcionárias dela conversou com uma conhecida minha que disse que ela tinha feito uma boa escolha, que ela tinha contratado uma boa profissional e que de uma certa forma tinha comentado que eu morava aqui na comunidade. Então no sábado pela manhã eu recebi*

*uma ligação, uma ligação ela pedindo pra mim devolver a chave do laboratório. Então ela não esperou eu mostrar meu profissionalismo, mostrar minha capacidade, pelo simples fato de eu ser cigana, de eu ter uma cultura diferente, ela me fechou as portas. Infelizmente né, porque pessoas de mentes pequenas, pessoas que não sabem dar valor a capacidade das outras pessoas e de uma certa forma acaba nem conhecendo e tornando uma infelicidade né, que a gente pode chamar isso de infelicidade (sic) (CÍCERA SUÊNIA SOARES MANGUEIRA, 2017).*

O preconceito magoa e deixa marcas profundas. Cícera Suênia é uma profissional muito competente na área da saúde, sempre batalhou ao lado da sua família por sua educação, até a sua formação, mas por conta do preconceito tem sofrido com a falta de oportunidade que a impede de exercer sua função; por ser cigana, tem sua profissão ameaçada. Uma triste realidade para os dias de hoje mesmo diante das lutas contra o preconceito. Para as mulheres ciganas, situações como essa fazem parte do seu cotidiano e deixam marcas profundas e um grande sofrimento, tanto para elas quanto para os pais que lutam para dar uma boa educação a seus filhos.

Mas como atestam as falas dessas ciganas aqui registradas, elas entendem esse ambiente de tensão e conflito em que vivem e agem como já de costume, buscando integração. Buscam frequência em níveis de ensino mais avançados ou de cursos profissionalizantes como forma de trazer efeitos positivos para suas vidas. É no seio deles que elas vão aprendendo a conviver com outras mulheres, nomeadamente não ciganas, mas muitas vezes em situações sociais e econômicas semelhantes, em espaços que promovem um olhar mais atento em relação a si próprias, sobre o seu papel enquanto indivíduo para além de filha, nora, mãe, sogra ou viúva. Progressivamente, têm vindo a utilizar este espaço/tempo para si próprias, enquanto mulheres, para se descobrirem enquanto pessoas que podem contribuir para a sociedade. E, paulatinamente, as regras, os usos, os costumes são repensados e adaptados a uma nova realidade social.

Ao pensarmos sobre as questões por essas ciganas colocadas sobre seu mundo, suas particularidades enquanto mulheres, durante nossa pesquisa pensamos que esse trabalho pode contribuir enquanto lugar de informação, para combater a intolerância e os preconceitos sofridos pelo povo e pelas mulheres ciganas, e também contribuir para a luta em defesa da preservação das tradições e costumes desse povo, sua diversidade e peculiaridades, que os tornam um povo único.

A tradição faz parte do universo de suas vidas e de seu cotidiano, e é vivenciada em tensão, pois é imposta uma necessidade de mudança cultural, com novos hábitos que rompem com os velhos. Mas mesmo para essas mulheres que mudaram — como a cigana Cícera —, que romperam, ainda carregam e sofrem uma carga forte de sofrimento advindo do preconceito para com suas particularidades culturais.

Assim como os negros ao findar a escravidão, o estigma que leva a exclusão até hoje está na cor da pele. Com os ciganos não é diferente, não está só na cor da pele, está no sangue, no jeito de falar, de andar, de interpretar o mundo e, em especial, está na mulher cigana, que encanta pelos seus adereços coloridos e pelos seus mistérios de se colocarem como decifradoras da sorte.

Como dissemos antes, uma mulher cigana não se esconde ou se perde em meio a outras mulheres, mas trazem consigo as farpas, as dores e as alegrias de serem quem são, de viverem como vivem, porque é assim que constroem sua história e permanecem na mesma ao longo e no passar dos anos. Viva os ciganos, viva as ciganas!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, buscamos compreender a vida das mulheres nas comunidades ciganas, em especial as mulheres ciganas da comunidade Calon de Sousa, no interior da Paraíba. Foi estabelecido um diálogo com a bibliografia disponível, assim como foi trabalhado com as falas e histórias de suas vidas, seus costumes e tradições, que foram narradas e gravadas em um conjunto de entrevistas realizadas com as mulheres ciganas que lá residem.

Nosso trabalho procurou a mulher cigana, enfatizando a cultura cigana como unidade de análise, já que consideramos como temática principal abordada as suas tradições e costumes, ou a cultura cigana pela mulher cigana.

A partir dessa pesquisa pudemos perceber que, ao longo de sua história, os ciganos e as ciganas foram submetidos a contextos sociais desfavoráveis, e tornaram-se mestres na arte da sobrevivência. Mas muito mais do que sobreviver, o povo cigano precisa de condições para desenvolver seus múltiplos potenciais e preservar suas tradições. É nisso que acreditamos e aprendemos ao trabalhar com sua história.

O primeiro passo desse trabalho foi buscar compreender a cultura cigana e seus costumes através de estudos e visitas a comunidade Calon de Sousa-PB. Paralelamente, foram investigadas as práticas das tradições ciganas e assim realizadas as entrevistas com as mulheres.

Através das análises, juntamente com os relatos de nossas entrevistadas, foi possível entender a formação da vida cigana e o motivo pelo qual deixaram suas andanças pelo mundo e “pararam para morar”, assim como as formas de suas vivências perpassaram o tempo; como vivem atualmente e como fazem para manter vivas suas tradições e costumes também foi investigado. Em destaque, através das memórias dessas mulheres, descobrimos e compreendemos um pouco sobre o que é ser cigano na sociedade atual, como lidam com o preconceito que sofrem, as exclusões, o desrespeito para com sua cultura, assim como a luta para a preservação da mesma.

É importante frisar que o preconceito vivido pelos ciganos não vem de hoje, mas desde o período da colonização portuguesa, quando os ciganos foram degredados de Portugal para o Brasil como exílio, e desde então vivem como se fossem uma escória da humanidade, sofrendo preconceitos constantes.

A história dos ciganos e das ciganas Calon são múltiplas em experiências de adaptação a qualquer cultura, sempre extraindo um pouco do que lhes agradam. Assim vivem, um povo alegre por natureza, que abstrai da terra seu sustento, das práticas de convívio com o mundo do trabalho e em busca de sobrevivência.

Os Calon se ambientam na cidade de Sousa-PB em territórios chamados ranchos. Em sua totalidade são três. Homens, mulheres, jovens, crianças e velhos apresentam uma alteração visível na sua cultura e costumes desde que “pararam para morar”, deixaram sua vida de peregrinação. Através da pesquisa de campo e da convivência na comunidade, podemos perceber essas mudanças e suas consequências para a cultura cigana, que aos poucos vai deixando de existir.

Até 25 anos atrás, as mulheres ciganas Calon andavam em caravanas nômades com seus maridos. Tinham uma vida dura que incluía dar à luz em ruas e acampamentos, no meio do mato. Mover-se, para os ciganos, era uma questão de economia, segundo as entrevistadas relatam. Eles trabalhavam com venda de objetos e animais, como cavalos para transporte. Com a industrialização do Nordeste e melhora das rodovias e meios de transporte, essa atividade perdeu rentabilidade. Por isso se fixaram e trocaram o comércio de equinos por venda e troca de outros artigos negociáveis, como objetos de valor, motos, carros etc.

As ciganas da etnia Calon se fixaram principalmente no Nordeste. Em Sousa, vivem em sua totalidade cerca de 600 ciganos, onde levam uma vida com muito mais segurança e conforto. Roupas cortadas, costuradas e bordadas à mão, brilhantes e coloridas eram a principal maneira que as ciganas encontravam para expressar orgulho por sua identidade. Infelizmente, com o tempo e por conta dos preconceitos sofridos elas não se vestem mais assim, pois isso lhes custariam enfrentar uma série de preconceitos e porque os costumes estão se perdendo, no entanto, apesar de não seguirem à risca seus costumes, resistem, firmes, em ser quem são.

O conhecimento de suas histórias implica respeitar o espaço em que esse povo está inserido, refletir esse povo como personagens da história da cidade de Sousa, em particular, e também da Paraíba e do Brasil. Assim, pretendemos que esse trabalho possa contribuir como um capítulo a mais na história de silenciamentos e desconhecimentos sobre a cultura e a história dos ciganos e principalmente das mulheres ciganas, que tem ainda muitíssimas histórias para nos contar.

## REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Gervásio Bernardo. *et al*; O modo de vida da comunidade cigana em Sousa-PB. **INTESA – Informativo Técnico do Semiárido**, Pombal, v. 10, n. 1, p. 77-91, 2016.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BARROS, José D'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos de História**, v. 11, n. 2, 2003.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CUNHA, J. **Ser cigano e estando em Sousa: discutindo os modos de ser após trinta anos da parada**. Monografia (Graduação em História) – Licenciatura Plena em História, Universidade Federal de Campina Grande, 2013.
- FERRARI, F. **O mundo Passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros**. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- FRANS MOONEN, **Centro de Cultura Cigana**, 2008. Disponível em: <dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/index.html>. Acesso em: 05/09/2017.
- FRASER, Angus. **História do Povo Cigano**. Portugal: Teorema, 1997.
- GOLDFARB, A, P. **“Tempo de atrás”**: um estudo da identidade cigana em Sousa-PB. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2004.
- GOLDFARB, M. P. L. Definindo os ciganos: as representações coletivas sobre a população cigana na cidade de Sousa – PB. **Revista de Ciências Humanas e Artes**, v. 14, n. 1/2, jan./dez., 2008.
- \_\_\_\_\_. Nômades e peregrinos: o passado como elemento identitário entre os ciganos calons na cidade de Sousa-PB. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 19, p. 165-172, 2010.
- HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JODELET, D.: Représentations sociales: un domaine en expansion. In: **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, p. 31-61. Tradução de Tarso Bonilha Eric.

LUCENA, Thatiany Deodato de. SANTOS, Raíssa Castro Camilo dos; AMORIM, Andrea de Lima Trigueiro. *Alma cigana: a história de um povo, a cultura e a vida em comunidade*. INTESA, Recife Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.

MARSIGLIA, Luciano, A saga cigana. **Super Interessante**, São Paulo, n. 256, p. 29, 2008.

\_\_\_\_\_. **A história e os segredos do povo mais misterioso do mundo**. 2016

MAZZOTTI. **Revisão Técnica**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação UFRJ, 1993.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MONTENEGRO, Mirna: **As mulheres ciganas: um desafio à emancipação do povo cigano**. ICE-Instituto das Comunidades Educativas / Projecto Nómada.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil**. Juiz de Fora: Centro de Cultura Cigana, 2008.

PACHECO, Alexandre. As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de *habitus* e *campo* em Pierre Bourdieu. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

PIERONI, Geraldo. **Vadios e ciganos, heréticos e bruxas: os degredados no Brasil-Colônia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PORTAL PARE, ESCUTE, OLHE. **A importância da mulher na abertura da comunidade cigana à sociedade**. 4 de abril de 2015.

ROMANI, Danielle. Especial Ciganos. **Continente**, Recife, n. 147, p. 27, 2013.

SULPINO, M. P. L. **Ser viajor, ser morador: Uma análise da construção da identidade cigana em Sousa-PB**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – TERMO DE ANUÊNCIA DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE HISTÓRIA

### Termo de Anuência

Eu Círcia Romão Neves, Comunidade  
cigana de Pedro Moura,  
Autorizo o desenvolvimento da pesquisa  
intitulada “Entre a necessidade e a realidade: a cultura cigana sob a perspectiva da  
mulher, comunidade Calon Sousa PB (1982-2017)” nesta comunidade, que será  
realizada no período de 18/08/2017 a 22/08/2017, tendo como pesquisador (a)  
responsável profa.: Anastácia Jora Silva e  
orientador (a) Silvane Jansen de Sousa.

Soura de 18/08/2017

Círcia Romão Neves

Assinatura

## APÊNDICE B – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### APÊNDICE B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **"Entre a necessidade e a realidade: a cultura cigana sob a perspectiva da mulher, comunidade Calon Sousa PB (1982 - 2017)** que tem como objetivo **Contar como vivem as mulheres ciganas dessa comunidade, tendo em vista seus valores, costumes e tradição.** Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **Um olhar mais humano a comunidade cigana de Sousa, tendo em vista o respeito por suas tradições, valores e costumes, mantendo-os como parte de uma cultura milenar e preservando-os, visando o direito da mulher dentro e fora da comunidade, através de sua tradição mostrar para as comunidades não ciganas o quanto é importante deixar de lado o preconceito e viver de igual para igual, respeitando e preservando essa cultura que é rica e muito bela, entre a tradição e a realidade que vivem hoje em dia, contribuindo para a história e a historiografia da comunidade no geral.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável, **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail [svs\\_sil@hotmail.com](mailto:svs_sil@hotmail.com). Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Piero Augusto, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.  
Cajazeiras, 18 de Agosto de 2017.

Piero Augusto  
Assinatura do (a) participante

Amatácia Terra Sillva  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

**APÊNDICE B**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **"Entre a necessidade e a realidade: a cultura cigana sob a perspectiva da mulher, comunidade Calon Sousa PB (1982 - 2017)** que tem como objetivo **Contar como vivem as mulheres ciganas dessa comunidade, tendo em vista seus valores, costumes e tradição.** Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **Um olhar mais humano a comunidade cigana de Sousa, tendo em vista o respeito por suas tradições, valores e costumes, mantendo-os como parte de uma cultura milenar e preservando-os, visando o direito da mulher dentro e fora da comunidade, através de sua tradição mostrar para as comunidades não ciganas o quanto é importante deixar de lado o preconceito e viver de igual para igual, respeitando e preservando essa cultura que é rica e muito bela, entre a tradição e a realidade que vivem hoje em dia, contribuindo para a história e a historiografia da comunidade no geral.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail [svs\\_sil@hotmail.com](mailto:svs_sil@hotmail.com). Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Marica Augusto, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 18 de Agosto de 2019.

Marica Augusto  
Assinatura do (a) participante

Silvana Vieira de Sousa  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

**APÊNDICE B**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **"Entre a necessidade e a realidade: a cultura cigana sob a perspectiva da mulher, comunidade Calon Sousa PB (1982 - 2017)** que tem como objetivo **Contar como vivem as mulheres ciganas dessa comunidade, tendo em vista seus valores, costumes e tradição.** Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **Um olhar mais humano a comunidade cigana de Sousa, tendo em vista o respeito por suas tradições, valores e costumes, mantendo-os como parte de uma cultura milenar e preservando-os, visando o direito da mulher dentro e fora da comunidade, através de sua tradição mostrar para as comunidades não ciganas o quanto é importante deixar de lado o preconceito e viver de igual para igual, respeitando e preservando essa cultura que é rica e muito bela, entre a tradição e a realidade que vivem hoje em dia, contribuindo para a história e a historiografia da comunidade no geral.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail [svs\\_sil@hotmail.com](mailto:svs_sil@hotmail.com). Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Cicera Romão Neves, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 18 de Agosto de 2017.

Cicera Romão Neves  
Assinatura do (a) participante

Amatúcia Sousa Silveira  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

**APÊNDICE B**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **"Entre a necessidade e a realidade: a cultura cigana sob a perspectiva da mulher, comunidade Calon Sousa PB (1982 - 2017)** que tem como objetivo **Contar como vivem as mulheres ciganas dessa comunidade, tendo em vista seus valores, costumes e tradição.** Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **Um olhar mais humano a comunidade cigana de Sousa, tendo em vista o respeito por suas tradições, valores e costumes, mantendo-os como parte de uma cultura milenar e preservando-os, visando o direito da mulher dentro e fora da comunidade, através de sua tradição mostrar para as comunidades não ciganas o quanto é importante deixar de lado o preconceito e viver de igual para igual, respeitando e preservando essa cultura que é rica e muito bela, entre a tradição e a realidade que vivem hoje em dia, contribuindo para a história e a historiografia da comunidade no geral.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail [svs\\_sil@hotmail.com](mailto:svs_sil@hotmail.com). Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Antônia Augusta, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma. Cajazeiras, 18 de Agosto de 2017.

Antônia Augusta  
Assinatura do (a) participante

Anastácia Sena Silveira  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

**APÊNDICE B**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **"Entre a necessidade e a realidade: a cultura cigana sob a perspectiva da mulher, comunidade Calon Sousa PB (1982 - 2017)** que tem como objetivo **Contar como vivem as mulheres ciganas dessa comunidade, tendo em vista seus valores, costumes e tradição**. Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **Um olhar mais humano a comunidade cigana de Sousa, tendo em vista o respeito por suas tradições, valores e costumes, mantendo-os como parte de uma cultura milenar e preservando-os, visando o direito da mulher dentro e fora da comunidade, através de sua tradição mostrar para as comunidades não ciganas o quanto é importante deixar de lado o preconceito e viver de igual para igual, respeitando e preservando essa cultura que é rica e muito bela, entre a tradição e a realidade que vivem hoje em dia, contribuindo para a história e a historiografia da comunidade no geral.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail [svs\\_sil@hotmail.com](mailto:svs_sil@hotmail.com). Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, *Cláudia Guênia Soares Banqueira*, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 21 de Agosto de 2017.

*Cláudia Guênia Soares Banqueira*  
Assinatura do (a) participante

*Amatácia Sena Silva*  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

**APÊNDICE B**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **"Entre a necessidade e a realidade: a cultura cigana sob a perspectiva da mulher, comunidade Calon Sousa PB (1982 - 2017)** que tem como objetivo **Contar como vivem as mulheres ciganas dessa comunidade, tendo em vista seus valores, costumes e tradição.** Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **Um olhar mais humano a comunidade cigana de Sousa, tendo em vista o respeito por suas tradições, valores e costumes, mantendo-os como parte de uma cultura milenar e preservando-os, visando o direito da mulher dentro e fora da comunidade, através de sua tradição mostrar para as comunidades não ciganas o quanto é importante deixar de lado o preconceito e viver de igual para igual, respeitando e preservando essa cultura que é rica e muito bela, entre a tradição e a realidade que vivem hoje em dia, contribuindo para a história e a historiografia da comunidade no geral.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável, **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail [svs\\_sil@hotmail.com](mailto:svs_sil@hotmail.com). Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Rita de Passio Pereira, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 24 de Agosto de 2017.

Rita de Passio Pereira  
Assinatura do (a) participante

Amatância Sena Silva  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

**APÊNDICE B**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Caro (a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **"Entre a necessidade e a realidade: a cultura cigana sob a perspectiva da mulher, comunidade Calon Sousa PB (1982 - 2017)** que tem como objetivo **Contar como vivem as mulheres ciganas dessa comunidade, tendo em vista seus valores, costumes e tradição.** Pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que este estudo possui riscos mínimos, já que não envolve a realização de procedimentos invasivos; mas poderá ocorrer insatisfação do entrevistado em decorrência de abordar os conhecimentos específicos sobre um determinado tema. Nesse caso, o pesquisador estará preparado para intervir sugerindo a suspensão da entrevista, deixando você à vontade para decidir sobre sua participação no estudo posteriormente. Por outro lado, benefícios potenciais decorrerão diante de sua participação tais como: **Um olhar mais humano a comunidade cigana de Sousa, tendo em vista o respeito por suas tradições, valores e costumes, mantendo-os como parte de uma cultura milenar e preservando-os, visando o direito da mulher dentro e fora da comunidade, através de sua tradição mostrar para as comunidades não ciganas o quanto é importante deixar de lado o preconceito e viver de igual para igual, respeitando e preservando essa cultura que é rica e muito bela, entre a tradição e a realidade que vivem hoje em dia, contribuindo para a história e a historiografia da comunidade no geral.**

As informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Sua participação é voluntária e você poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em artigos científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Em caso de necessidade de esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através de contato com o orientador responsável. **Silvana Vieira de Sousa** Orientadora da pesquisa, fone (83) 999177771. E-mail [svs\\_sil@hotmail.com](mailto:svs_sil@hotmail.com). Ou ainda, através do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina do Centro de Formações de Professores pelo telefone: (083) 3532-2000 – Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, Campus Cajazeiras, CEP: 58900-000 – Cajazeiras – Paraíba. Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, Monica das Lhas do Sacramento Lima, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 22 de Agosto de 2017.

Monica das Lhas do Sacramento Lima

Assinatura do (a) participante

Anastacia Serra Silva

Assinatura do (a) pesquisador (a)